

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

MILENA MACHADO MARQUES SILVA

**Cultura de fã na cena do Rap e do Funk: Construção de identidade e
impulsionamento da cultura periférica e favelada**

Niterói
2025

Milena Machado Marques Silva

**Cultura de fã na cena do Rap e do Funk: Construção de identidade e
impulsionamento da cultura periférica e favelada**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção
do Grau de Bacharel.

Orientador: Profa. Dra. Flávia Lages de Castro

Niterói
2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S586c Silva, Milena Machado Marques Silva
Cultura de fã na cena do Rap e do Funk: Construção de
identidade e impulsionamento da cultura periférica e favelada
/ Milena Machado Marques Silva Silva. - 2025.
97 f.

Orientador: Flávia Guedes Lages.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2025.

1. Cultura de Fã. 2. Juventude. 3. Funk. 4. Rap. 5.
Produção intelectual. I. Lages, Flávia Guedes, orientadora.
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao dia **cinco de fevereiro do ano de dois mil e vinte cinco**, às **dez horas**, realizou-se a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **Cultura de Fã na Cena do Funk e do Rap: Construção de Identidade e Impulsionamento da Cultura Periférica e Favelada**, apresentado por **Milena Machado Marques Silva**, matrícula **120033024**, sob orientação do(a) **Dra. Flavia Lages de Castro**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Flavia Lages de Castro**

2º Membro: **Dr. Felipe da Costa Trotta**

3º Membro: **Dr. Giuliano Lamberti Obici**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição: 10.0 (dez)

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:



Documento assinado digitalmente
FLAVIA LAGES DE CASTRO
Data: 05/02/2025 11:51:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Flavia Lages de Castro
Presidente da Banca

Hoje eu posso brindar minha existência, mesmo com medo.
(Liniker.Trecho de entrevista com a Folha de S.Paulo, em
agosto de 2017)

Agradecimentos

Agradeço aos meus guias, a Exu por estar comigo abrindo caminhos para que eu conseguisse finalizar esse trabalho. A minha mãe Oxum por me abençoar e iluminar meu ori e me fortalecer.

Agradeço a minha mãe e a minha avó, Emília e Irizete, que sempre me impulsionam a buscar o estudo como principal forma de transformação social.

Agradeço a minha psicóloga Beatriz que me ajudou a buscar a cura das minhas dúvidas e medo para que esse trabalho se realizasse.

Agradeço à minha orientadora Flávia que em todo momento se mostrou disponível e aberta e não me deixou desistir.

Agradeço aos entrevistados que participaram das entrevistas e me encorajaram.

Agradeço a UFF por ter sido o espaço onde pude me encontrar como profissional e a todos os professores que cruzaram meu caminho.

Resumo

Este trabalho analisa como os gêneros musicais rap e funk se consolidam como expressões culturais de resistência e pertencimento nas periferias urbanas brasileiras, refletindo questões sociais como desigualdade, raça e gênero. Por meio de entrevistas com fãs, admiradores, entusiastas e profissionais, exploram-se as dinâmicas de engajamento desses públicos, embasadas teoricamente nos conceitos de **cultura de fã** (Fiske, 1992; Jenkins, 1992), **formação subordinada**, **capital cultural** e **habitus** (Bourdieu, 1984), além da tipologia de fãs de Abercrombie & Longhurst (1998). A pesquisa evidencia que o rap e o funk vão além do entretenimento, atuando como ferramentas de mobilização social, ressignificação identitária e fortalecimento comunitário, contribuindo para a construção de narrativas de resistência e transformação no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave

Rap, Funk, Cultura de Fã, Resistência Cultural, Formação Subordinada, Capital Cultural, Identidade, Periferias.

Abstract

This study analyzes how the musical genres rap and funk are consolidated as cultural expressions of resistance and belonging in Brazil's urban peripheries, reflecting social issues such as inequality, race, and gender. Through interviews with fans, admirers, enthusiasts, and professionals, the research explores the engagement dynamics of these audiences, theoretically grounded in the concepts of **fan culture** (Fiske, 1992; Jenkins, 1992), **subordinate formation**, **cultural capital**, and **habitus** (Bourdieu, 1984), as well as the fan typology by Abercrombie & Longhurst (1998). The findings reveal that rap and funk go beyond entertainment, acting as tools for social mobilization, identity re-signification, and community strengthening, contributing to the construction of narratives of resistance and transformation in contemporary Brazil.

Keywords

Rap, Funk, Fan Culture, Cultural Resistance, Subordinate Formation, Cultural Capital, Identity, Urban Peripheries.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
2 CULTURA DE FÃ	10
3 Construindo uma identidade na juventude: o ser jovem	22
3.1 A Construção Cultural e Social nas Periferias	23
4 ENTREVISTA FÃS E PROFISSIONAIS	32
4.1 METODOLOGIA.....	33
4.2 IDENTIFICAÇÃO, REFLEXÃO E ENTRETENIMENTO.....	35
4.3 FÃS, ADMIRADORES E ENTUSIASTAS.....	41
5 CONCLUSÃO	44
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
7 ANEXO A	51

1- Introdução

Nascidos de contextos marcados pela desigualdade social, econômica e racial, os gêneros musicais rap e funk, desempenham um papel central na construção de identidades, na articulação de resistências e no questionamento de estruturas de poder. Transcendendo as fronteiras do entretenimento, consolidando-se como expressões culturais profundamente enraizadas nas periferias urbanas brasileiras. Dentro desse contexto, a cultura de fã emerge como um elemento essencial para entender a relação entre o público e esses estilos musicais com base na análise de John Fiske (1992), e como ferramentas de mobilidade e transformação social, à luz dos conceitos de capital cultural e habitus, de Pierre Bourdieu (1984).

O objetivo deste trabalho é investigar como o rap e o funk, enquanto manifestações culturais, dialogam com seus públicos e refletem as dinâmicas sociais do Brasil contemporâneo. Por meio de entrevistas realizadas com consumidores desses gêneros, busca-se compreender de que maneira esses estilos musicais promovem pertencimento, transformam realidades e ressignificam as identidades de seus públicos. Partindo da perspectiva de que os gêneros rap e funk possuem um papel significativo na construção de identidade e pertencimento de seus ouvintes, este estudo teve como hipótese inicial que todos os entrevistados se identificaram como parte de uma comunidade, dentro do contexto da cultura de fã, de um fandom dentro desses estilos musicais. A ideia era que, devido à forte conexão emocional e social com os gêneros, os entrevistados não apenas consumiram as músicas, mas também participaram ativamente de espaços coletivos relacionados ao rap e ao funk. Um impulsionamento contínuo sendo estabelecido, os gêneros influenciam os indivíduos e os indivíduos influenciam o gênero. A partir das entrevistas, entretanto, percebeu-se que essa relação se manifesta de maneiras diversas, nem sempre no formato de participação em grupos organizados, mas frequentemente através do consumo engajado e da identificação cultural com os gêneros.

A pesquisa também explora os níveis de engajamento cultural com esses gêneros, utilizando a tipologia de fãs, admiradores e entusiastas, proposta por Abercrombie & Longhurst (1998), e analisando as dinâmicas participativas das comunidades culturais.

Este estudo reside na relevância crescente do rap e do funk como fenômenos culturais e sociais no Brasil. Ambos os gêneros não apenas representam as vozes das periferias, mas também desempenham um papel central no mercado musical e no debate público. Além disso, ao explorar o conceito de formação subordinada, de Fiske, este trabalho busca entender como as populações marginalizadas ressignificam produtos culturais de massa, transformando-os em ferramentas de resistência. Também se dialoga com a análise de Henry Jenkins (1992), que destaca os fãs como consumidores ativos e criadores culturais, ampliando a compreensão sobre a interação entre cultura popular, consumo e identidade.

A dissertação é organizada em três capítulos principais. O primeiro capítulo discute o conceito de cultura de fã, analisando como os públicos que se dominam fãs de um produto cultural ultrapassam o consumo passivo, participando ativamente na ressignificação como formas de resistência e pertencimento. O segundo capítulo aborda os impactos sociais e culturais do rap e do funk, com foco em questões de raça, classe, gênero e representatividade, conectando-se aos conceitos de mobilidade social e capital cultural. O terceiro capítulo apresenta uma análise das entrevistas realizadas, utilizando os relatos dos participantes para dialogar com as teorias de Fiske, Bourdieu, Jenkins e Abercrombie & Longhurst.

A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa, baseada em entrevistas semi-estruturadas realizadas remotamente com fãs e profissionais ligados ao rap e ao funk. As respostas foram analisadas a partir de uma triangulação com as teorias propostas, possibilitando uma interpretação das relações entre os públicos, os gêneros musicais e os contextos sociais em que estão inseridos.

Este estudo busca evidenciar como o rap e o funk atuam como ferramentas de resistência cultural e transformação social, ao mesmo tempo em que criam espaços para a construção identitária e coletiva. Pretende-se, assim, contribuir para o campo dos estudos culturais, destacando a centralidade da cultura de fã, os processos de ressignificação dos produtos culturais e o impacto desses gêneros musicais no Brasil contemporâneo.

2- CULTURA DE FÃ

“Além de serem onipresentes na vida cotidiana, os meios atuam na construção dos sujeitos, das relações que são estabelecidas entre eles e do contexto social em que se inserem”(SIMÕES, 2014, p. 110).

O termo "fã" surgiu pela primeira vez no final do século XIX em jornais da época para descrever os seguidores de equipes esportivas profissionais. Isso ocorreu à medida que o esporte passou de uma prática estritamente atlética para uma forma de entretenimento comercial. Desde o início, a ideia de fã esteve ligada à mídia, evoluindo de acordo com o desenvolvimento e as mudanças nos meios de comunicação.(Curi, 2010)

A palavra "fã" é uma abreviação da palavra latina "fanaticus", que originalmente significava "pertencente e devoto de um templo". Com o tempo, o termo adquiriu conotações religiosas e políticas, sendo visto de forma pejorativa, associado a um entusiasmo excessivo ou loucura causada pela suposta possessão de um demônio. Até hoje, a imagem comum de um fã é a de alguém que venera um objeto de forma irracional. No entanto, ao examinar de perto como os fãs se relacionam com os objetos que consomem e com outros fãs, é possível perceber que há um aspecto crítico presente nesses grupos.

Buscando entender o que é ser fã, Martino (2005) define o indivíduo fã como “uma pessoa que devota uma considerável quantidade de seu tempo, dinheiro, interesse e energia envolvida com aquilo que gosta” (2005, p.157). É muito simples ser fã, basta ter interesse em acompanhar algo ou alguém. Em paralelo a isso, existe os fandoms, o reino dos fãs, tradução literal das abreviações das palavras em inglês fan e kingdom, e referem-se ao grupo de pessoas que se reúnem e organizam para discutir, compartilhar informações e conteúdos, além de participar

de projetos para o foco de sua devoção. Para ser parte de um fandom, tem que ser mais que um “ simples fã”, tem que absorver todo conteúdo e cultura envolta naquilo que gosta e isso fazer parte de quem você é, da sua identidade.

Os fãs escolhem artistas específicos e histórias de diferentes estilos de entretenimento produzidos em larga escala e os incorporam em sua própria cultura, que é compartilhada por um grupo menor de pessoas. Isso cria uma cultura popular¹ única, que é tanto semelhante quanto muito diferente da cultura mais ampla que a maioria das pessoas segue. O ato de consumir cultura popular por parte dos fãs é, portanto, uma maneira de grupos menos privilegiados resistirem à cultura predominante das classes poderosas. Fiske (1989) sustenta que a cultura popular e os prazeres que os fãs e espectadores encontram nela surgem como uma resposta contrária à cultura elitista dita como oficial. Essa cultura popular dos fãs é especialmente ligada aos gostos culturais de grupos de pessoas que muitas vezes têm menos poder devido a fatores como gênero, idade, classe social e raça. (FISKE,1992, p. 30).

Para Fiske (1992) o fandom é uma característica comum da cultura popular nas sociedades industriais. Ele seleciona do repertório de entretenimento produzido e distribuído em massa, como certos artistas, narrativas ou gêneros, e os incorpora à cultura de uma fração da população que se auto seleciona. Eles são então reestruturados em uma cultura popular intensamente prazerosa e cheia de significado, que é tanto semelhante quanto significativamente diferente da cultura das audiências populares "normais". O fandom está tipicamente associado a formas culturais que o sistema de valores dominante subjuga - música pop, romances

¹ Fiske argumenta que a cultura popular não é simplesmente uma reflexão passiva da cultura dominante, mas sim um espaço onde as pessoas reinterpretem, recriem e muitas vezes subvertem as mensagens e valores da cultura hegemônica.

românticos, quadrinhos, no caso do Brasil, podemos associar o funk, ao brega e ao que vem de classes mais baixas . Portanto, está associado aos gostos culturais de formação subordinada da sociedade, em particular daqueles desempoderados devido a uma combinação de gênero, idade e classe.

No contexto do trabalho de John Fiske, "Formação subordinada" refere-se como as audiências re interpretam e recriam textos culturais de acordo com suas próprias perspectivas e interesses. Fiske é conhecido por seu trabalho na área de estudos culturais e por explorar como o público ativo participa na criação de significado a partir dos produtos culturais, muitas vezes desafiando a autoridade e o significado pretendido pelos criadores desses produtos.

A "formação subordinada", nesse contexto, sugere que o público não é passivo, mas ativamente envolvido na interpretação e apropriação da cultura de massa. Isso pode ser entendido como a forma como o público "subordina" ou adapta a cultura de massa à sua própria cultura e experiência, em vez de aceitar passivamente os significados predefinidos. John Fiske defende uma visão mais participativa e ativa do público na interpretação e reinterpretação da cultura popular.

Para melhor entendimento desta relação do fã com cultura popular e grupos subjugados, é válido a discussão acrescentar a teoria de gosto de Pierre Bourdieu. Em seu artigo sobre a Economia dos Fandoms, Fiske cita a teoria de habitus e de capital² de Bourdieu. Fiske utiliza o conceito de capital cultural e habitus de Bourdieu para analisar como a cultura opera como uma economia e como ela está ligada a distinções sociais, particularmente de classe, mas ele também sugere que

² **Habitus:** é a maneira como as pessoas "internalizam" as normas e práticas culturais de sua sociedade, tornando-se uma parte intrínseca de sua identidade. O habitus também é uma lente através da qual as pessoas percebem o mundo e tomam decisões.

Capital: Refere-se ao conhecimento e habilidades que uma pessoa adquire ao longo de sua vida, como educação formal, habilidades artísticas e literárias, e conhecimento de idiomas, história e cultura.

outros eixos de discriminação, como gênero e idade, devem ser considerados. Fiske adota a ideia de Bourdieu de que a cultura funciona como uma economia na qual os indivíduos investem e acumulam capital cultural. Esse capital é adquirido por meio da educação, gostos culturais e competências, e pode influenciar a posição social e econômica de alguém.

A ideia de *fã* está ligada ao gosto do sujeito, e o gosto, segundo Bourdieu, está relacionado à classe social que o sujeito está inserido. “ O gosto cultural se adquire; mais do que isso, é resultado de diferenças de origem e oportunidades sociais” (SETTON, 2010). O gosto não pode ser plenamente atribuído à influência da indústria cultural. A família, escola, igreja e outras instituições desempenham um papel crucial na formação dos gostos e estilos de vida das pessoas. Elas são tanto moldadas por estruturas sociais quanto funcionam como moldadoras dessas estruturas. (PINTO DE FARIAS; COSTA, 2015).

Portanto, ao analisarmos o conceito de "habitus" de Bourdieu, percebemos que ele é uma expressão do "modo de ser e agir" de um indivíduo que só pode ser verdadeiramente compreendida no contexto de um ambiente cultural específico, chamado de "campo". Isso significa que não podemos julgar as práticas culturais de alguém sem considerar o ambiente cultural no qual essa pessoa está inserida. Por exemplo, se alguém nas comunidades do Rio de Janeiro gosta de ouvir funk e rotulamos essa pessoa como "inculta" simplesmente por causa de suas preferências musicais, estaríamos ignorando as influências sociais que moldaram suas escolhas.

De acordo com Bourdieu, os julgamentos estéticos são moldados pela herança cultural e social de um indivíduo, que pode ser transmitida pela família ou adquirida por meio da educação. Costa (2013) argumenta que esses julgamentos não são

simples reflexos das vontades individuais, nem são determinados puramente pelos arranjos sociais em que alguém se encontra.

O gosto ou as escolhas evidenciadas por meio dos padrões de consumo são, portanto, influenciados pelos condicionamentos ligados a uma classe social específica ou uma fração dela. Essas preferências têm o poder de criar uma afinidade entre todas as pessoas que compartilham condições de vida semelhantes, ao mesmo tempo em que as distinguem daqueles que não fazem parte desse contexto socialmente definido, enfatizando as diferenças inevitáveis. Nas palavras de Bourdieu, o gosto está intrinsecamente ligado à aversão e à falta de tolerância em relação às preferências dos outros.

À medida que a relação de fã de um indivíduo se aprofunda, ele começa a se sentir parte de algo maior, de um grupo, de uma comunidade. Essa sensação de pertencimento é notável, especialmente quando se considera que a cultura produzida está intimamente ligada a grupos minoritários. Quando essas pessoas encontram outros com gostos e interesses semelhantes, sentem-se fortalecidas e reconhecidas em sua identidade cultural. Os textos e figuras midiáticas, que muitas vezes servem como fontes de geração de lucro para a indústria cultural-midiática, desempenham um papel duplo. Enquanto geram receita para a indústria, também são adotados pelos fãs como fontes significativas de inspiração em suas vidas cotidianas. Essa interseção entre a cultura popular, as comunidades de fãs e a indústria cultural ilustra como a cultura contemporânea é dinâmica, complexa e central para a construção da identidade individual e coletiva.

Uma vez em grupo, não se preocupam em manter uma postura socialmente aceita, perdem a vergonha ou os limites e sentem-se à vontade para gritar. Individualmente não agiriam da mesma forma. (Curi,2010, p. 3)

A globalização, aliada ao avanço tecnológico, indica uma possibilidade de universalização de uma cultura e de identidade. No entanto, devido à posição que alguns países, comunidades e grupos ocupam no mercado global, eles podem exercer influência cultural e econômica sobre outros, resultando em formas de imperialismo cultural. A identidade cultural contemporânea é notavelmente mais variada, instável e plural. Com essas novas formas de identidade, emergem também novas formas de diferenciação, moldadas pelos contextos socioeconômicos, espaço-temporais e pelo grupo social ao qual o indivíduo está conectado. (Pacheco, 2004).

Essa individualização fomentada pelo mercado muitas vezes leva à formação de comunidades como uma busca por segurança, estabilidade e reafirmação identitária, especialmente para grupos minoritários. As comunidades representam um porto seguro, uma promessa de apoio fundamentada na "identidade comum". Contudo, há um preço a ser pago por fazer parte de uma comunidade, como Bauman (2003) observa, e esse preço é muitas vezes discreto e quase invisível. Enquanto a comunidade permanece um ideal e um sonho, o custo parece ser mínimo. No entanto, esse preço se manifesta na forma de limitações à liberdade individual, autonomia e direito à auto afirmação e identidade.

O fandom representa uma mistura única de influências culturais. Funciona como uma versão ampliada da cultura popular, muitas vezes surgindo de forma independente e desafiadora em relação à cultura mainstream ou oficial. Simultaneamente, apropria e reinterpreta certos elementos e traços dessa mesma cultura oficial que ele se opõe. Os fandoms são para os fãs que se intitulam parte, esse porto seguro e apoio da identidade ao mesmo tempo em que impõem um limite e barreiras para aqueles que não se fazem parte para aqueles que buscam

participar. Os fãs praticam uma discriminação rigorosa: as fronteiras entre o que é parte de seu fandom e o que não é são claramente definidas. Essa discriminação no âmbito cultural se traduz em distinções no âmbito social - as fronteiras entre a comunidade de fãs e o restante do mundo são igualmente nítidas e rigorosamente vigiadas.

Ambos os lados da fronteira investem na diferença; os espectadores comuns frequentemente buscam evitar o que veem como a estigmatização do fandom - "Não sou realmente um fã, é claro, mas...". Por outro lado, os próprios fãs podem debater quais características permitem que alguém atravesse essa fronteira e se torne um verdadeiro fã, mas concordam claramente sobre a existência dessa divisão. A discriminação textual e social são componentes inseparáveis da mesma atividade cultural.

A comunidade de fãs, formada por seus membros, se destaca em relação a outros grupos, da mesma forma que a cultura oficial. Em última instância, seu propósito é estabelecer distinções sociais. Além disso, desempenha um papel na diferenciação dentro da própria comunidade de fãs. Os especialistas, ou seja, aqueles que adquiriram um conhecimento mais amplo, ganham respeito dentro do grupo e desempenham o papel de líderes de opinião. O conhecimento, assim como o dinheiro, sempre representa uma fonte de poder.

O fã é um membro de uma subcultura que age de forma participativa com relação aos seus produtos de adoração e contesta tipicamente o formato tradicional de consumo [...] e interferem no conteúdo distribuído pela mídia de massa e modificam-no a partir de suas necessidades e interesses. (Silveira,2015, pág.12-13)

De acordo com Fiske (1989), os fãs e sua cultura são intencionalmente rebeldes, porque a alegria dos fãs está profundamente ligada à sua natureza

subversiva. Eles acham gratificante criar seus próprios significados para suas experiências sociais e buscam o prazer de escapar das regras sociais impostas pelo poder estabelecido. Portanto, para o fã, que Fiske associa a grupos minoritários e marginalizados que se identificam com o entretenimento produzido, impulsionar a carreira ou a fama do seu objeto admirador é impulsionar a própria identidade e existência pessoal.

A ideia de fã de Fiske se baseia na compreensão de Certeau (1984) de que a vida cotidiana no contexto do capitalismo industrial é um campo de luta. Nele, as pessoas com menos poder não criam seus próprios produtos e símbolos, mas transformam o significado daqueles que lhes são impostos. Os fãs "reinventam" a cultura popular produzida em massa por meio de suas próprias interpretações únicas e opostas, o que Fiske (1989) chama de "operação de guerrilha semiótica", usando o termo de Eco (1986). Ao desafiar símbolos e se envolver profundamente com a cultura popular, o fandom se torna uma subversão da ordem social estabelecida. Um espaço semelhante ao carnaval, como descrito por Bakhtin (1968) em sua análise do carnaval em geral.

No entanto, as pesquisas de Fiske (1989, 1992) sobre cultura popular e seus seguidores estabelecem um sólido ponto de partida. Embora outros estudiosos já tenham explorado empiricamente e teoricamente as questões de poder e cultura popular, e suas conclusões nem sempre tenham sido adotadas de maneira universal nas várias abordagens que surgiram posteriormente em relação ao fandom, Fiske elaborou um paradigma abrangente sobre o poder e a resistência na análise do fandom que continuou a influenciar significativamente esse campo.

A teoria de Fiske (1989) se baseia na ideia de que os produtos culturais populares são ricos em significados múltiplos, ou seja, podem conter uma

diversidade de interpretações. Isso possibilita que os fãs desenvolvam leituras alternativas, diferenciando-se, assim, do público convencional. Fiske (1989) faz uma analogia entre essa riqueza de significados nos produtos culturais populares e a maneira como o público os interpreta, semelhante à forma como o uso generalizado de jeans é uma parte integrante da cultura cotidiana americana.

É por meio dos processos de incorporação na vida cotidiana que esses produtos culturais intermediados se convertem em objetos de grande afeto para os fãs. Estes se apropriam dos produtos culturais produzidos em massa, atribuindo-lhes um valor emocional único. A vida cotidiana é composta pelas práticas da cultura popular e se destaca pela habilidade criativa das pessoas com menos poder ao utilizar os recursos fornecidos por um sistema que as desfavorece. Ao mesmo tempo, ela se recusa a se submeter completamente a esse mesmo sistema de poder. (FISKE, 1989, p. 47).

Henry Jenkins se destacou como um dos primeiros a considerar os fãs de uma forma mais inovadora, desafiando a visão tradicional, ao caracterizá-los como "consumidores que desempenham papéis de produtores, leitores que também se tornam escritores, espectadores que participam ativamente" (1992). Os fãs se transformam em artistas, escritores e cineastas, usando elementos da cultura comercial como matéria-prima para criar uma cultura popular única. Eles estabelecem seus próprios meios de produção, distribuição, exibição e consumo, com o propósito de compartilhar suas criações com outros fãs.

A organização dos fãs assemelha-se a uma sociedade alternativa, adquirindo características de uma comunidade complexa e bem estruturada. Eles compartilham referências culturais, interesses e uma identidade coletiva que vai além das categorias tradicionais como raça, religião, gênero, classe social ou localização

geográfica. O pertencimento a esse grupo é mais definido pelo que você contribui para a comunidade do que por quem você é.

A produção cultural dos fãs se desenrola no interior de sua comunidade e é voltada para ela. Eles empregam a cultura oficial como ponto de partida para a construção de sua própria cultura, adotando certas estruturas de produção e distribuição oficiais para criar e compartilhar objetos culturais que eles mesmos desenvolvem. Os limites da produção cultural dos fãs são definidos pela tecnologia disponível, e eles sempre expressam suas ideias utilizando as ferramentas e interfaces à disposição. Cada obra criada por fãs carrega consigo essas limitações, e a tecnologia desempenhou um papel fundamental em reduzi-las, permitindo a criação de obras progressivamente mais complexas e próximas do padrão oficial

O estudo de Fiske (1992) oferece um ponto de partida útil ao distinguir entre três diferentes formas de expressão dos fãs: a semiótica, a enunciativa e a textual. A expressão semiótica se refere à criação de significado no processo de leitura e ocorre no âmbito individual. A expressão enunciativa, por outro lado, descreve as interações sociais que se desenvolvem através do consumo, com um aspecto fundamental sendo as conversas e fofocas entre os fãs, as quais, de acordo com Fiske (1992), proporcionam grande parte da satisfação do fandom.

A expressão enunciativa também inclui formas não verbais de comunicação prazerosa, como reproduzir a imagem de um artista ou usar botões para mostrar carinho por uma equipe ou programa de TV favoritos. Por fim, a expressão textual refere-se aos materiais e textos criados pelos fãs que tomam forma física através de escrita, edição ou gravação, como fanzines, fanfics e vídeos autoproduzidos. Toda essa produtividade ocorre na interface entre o produto cultural produzido industrialmente (narrativa, música, estrela, etc.) e a vida cotidiana do fã.

Fiske (1992) argumenta que boa parte dos fãs demonstram produtividade de forma semiótica e enunciativa, mas apenas uma minoria deles se envolve na produção de conteúdo textual. Os fãs que são produtivos do ponto de vista semiótico e enunciativo interagem e reinterpretam o objeto de sua admiração, enquanto aqueles que são produtivos no sentido textual criam novos objetos de adoração. No entanto, há uma conexão entre essas abordagens (Sandvoss,2013). Abercrombie & Longhurst (1998) identificam diversas formas de produtividade dos fãs ao posicionar o fandom como uma zona de transição entre o consumo e a produção, revelando um espectro que vai desde os consumidores comuns em uma extremidade até os pequenos produtores na outra.

No espectro entre essas duas extremidades, identificam-se três categorias distintas de fãs: fãs, admiradores e entusiastas. Esses grupos são diferenciados com base em três critérios por Abercrombie & Longhurst (1998): como eles consomem e têm acesso à mídia, o grau de envolvimento em redes ou comunidades de fãs e o quão específico é o objeto do seu fandom. O primeiro grupo, os "fãs", segue de perto um texto ou ícone cultural específico, principalmente por meio da mídia de massa, fazendo parte de um público disperso sem laços organizacionais fortes. Os "adoradores" têm um uso mais especializado das mídias e concentram sua devoção em objetos de fandom específicos, estabelecendo conexões, embora relativamente desorganizadas, com outros que compartilham o mesmo fandom.

No que diz respeito aos "entusiastas", o foco principal não é tanto o objeto de fandom mediado pela mídia de massa, como uma celebridade, um programa de televisão ou uma equipe esportiva. Em vez disso, o cerne do seu fandom é sua própria atividade e produção de conteúdo textual. Os entusiastas consomem

conteúdo altamente especializado criado por outros entusiastas, como fanzines³, que são compartilhados por meio de estruturas organizacionais, como convenções de fãs, clubes de fãs ou comunidades online. Esses três fatores são interdependentes e mantêm relações complexas.

O fã não existe de forma independente, e considerá-lo dessa maneira seria desconsiderar sua essência. A existência do fã começa quando algo surge pelo qual ele pode se tornar um fã. Embora hoje ele tenha desenvolvido sua própria cultura e mercado, isso não implica que esteja em competição com as grandes produtoras. Na verdade, ele depende delas. Os fãs mantêm a cultura oficial viva, da mesma forma que ela alimenta a cultura que eles constroem.

3

Um fanzine é uma publicação amadora, geralmente em formato de revista ou boletim informativo, criada por fãs dedicados de um tópico específico, como filmes, música, quadrinhos, literatura, jogos, ou qualquer outro interesse. A palavra "fanzine" é uma combinação de "fan" (fã) e "magazine" (revista), e essas publicações são produzidas por entusiastas que desejam compartilhar suas paixões, opiniões, análises e criações com outros membros da comunidade ou qualquer outro interesse. A palavra "fanzine" é uma combinação de "fan" (fã) e "magazine" (revista), e essas publicações são produzidas por entusiastas que desejam compartilhar suas paixões, opiniões, análises e criações com outros membros da comunidade de fãs

3- Construindo uma identidade na juventude: o ser jovem

A identidade juvenil é uma construção complexa, moldada por uma intersecção de fatores sociais, culturais e econômicos. Compreender como essa identidade se forma e se transforma é fundamental para captar a essência das dinâmicas culturais e sociais que influenciam as gerações mais jovens. Neste capítulo, exploraremos a construção da identidade na juventude, com um foco particular na forma como a música desempenha um papel central nesse processo.

A juventude, em suas diferentes formas e manifestações, não pode ser entendida apenas como uma fase transitória da vida. Ao contrário, ela representa um período crucial de formação e experimentação, onde os indivíduos buscam significado e pertencimento. Nesse contexto, a construção da identidade é um processo dinâmico que envolve a negociação entre os valores individuais e os contextos sociais e culturais nos quais os jovens estão inseridos.

O foco deste capítulo é examinar como a música, especialmente o rap e o funk, atua como um veículo poderoso para a expressão e a construção da identidade entre os jovens, particularmente nas periferias urbanas. O rap e o funk, como gêneros musicais, não apenas oferecem uma plataforma para a expressão artística, mas também servem como meios de resistência e afirmação cultural.

A música, com sua capacidade única de refletir e influenciar a realidade social, é um reflexo das experiências vividas pelos jovens e das narrativas que eles constroem sobre si mesmos e suas comunidades. O rap, com suas raízes no hip-hop, e o funk, com suas origens no subúrbio carioca, têm desempenhado papéis significativos na formação de uma identidade juvenil que é tanto local quanto global.

Esses gêneros musicais se desenvolveram e se adaptaram às realidades brasileiras, fornecendo exemplos concretos de como a música é usada pelos jovens para afirmar sua identidade, abordar questões sociais e desafiar estereótipos. Além disso, discutiremos como o contexto das periferias urbanas contribui para a formação de uma identidade musical que é ao mesmo tempo específica e universal.

Ao explorar essas questões, buscamos compreender de maneira mais profunda a relação entre juventude, identidade e música, oferecendo uma visão

abrangente de como esses elementos interagem para moldar a experiência juvenil nas periferias urbanas do Brasil.

3.1 A Construção Cultural e Social nas Periferias

O conceito de juventude é complexo e dinâmico, variando entre sociedades e no tempo. Em vez de ser uma fase definida universalmente por critérios biológicos ou por faixas etárias, a juventude assume um caráter social, sendo expressão dos valores, das normas e das condições de cada contexto cultural e histórico. Segundo Margulis (1996), a juventude existe no encontro social e nos significados que as sociedades atribuem a esta fase da vida, evidenciando que não existe um modo único de vivê-la e de compreendê-la. Este conceito vai além de uma simples fase da vida determinada pela idade ou biologia; é, na verdade, uma construção que se desenvolve ao longo do tempo e na interação social (Margulis, 1996). Isso significa que a percepção da juventude não é universal, mas varia conforme o contexto, refletindo as transformações sociais e políticas de cada época

Em algumas culturas e épocas, a juventude foi vista como um período de transição para a vida adulta, com poucas oportunidades para expressão pessoal e autônoma. Na Europa no período medieval, por exemplo, a ideia de juventude estava pouco demarcada. As crianças passavam rapidamente para a fase adulta, assumindo responsabilidades de trabalho no campo ou nos ofícios das famílias ainda jovens. O conceito de "adolescência", entendido como um "estágio" entre a infância e a vida adulta, não tinha validade, apenas com a ascensão da burguesia e o desenvolvimento da escola no início da modernidade, a juventude foi pensada como uma fase específica marcada pela aprendizagem, como uma suspensão temporária das obrigações de trabalho .

Em outras palavras, a juventude é uma forma de dar significado e identidade a certos indivíduos (Lopes, 2007). Além disso, essa percepção está intrinsecamente ligada às dinâmicas de poder dentro de uma sociedade. Com as mudanças sociais e culturais, especialmente no século XX, a juventude passou a ser associada a um período de exploração, busca de identidade e afirmação de valores próprios, com maior liberdade para a experimentação e questionamento social, sendo também moldada em relação a outros como gênero, classe social, nacionalidade e raça.

Segundo Pinho (2004), a identidade se estabeleceu como um conceito central na contemporaneidade, desempenhando um papel crucial tanto na análise científica das sociedades quanto na mobilização política global. Enquanto Pinho (2004) enfatiza a importância da identidade como um conceito fundamental na compreensão das dinâmicas sociais e políticas contemporâneas, Fragoso (2008) amplia essa discussão ao explorar como grupos marginalizados utilizam a identidade cultural como um meio de resistência e afirmação. Seja individual ou coletiva, a identidade está sempre ligada à maneira como os indivíduos se relacionam com os valores das sociedades e grupos aos quais pertencem (Fragoso, 2008). Esta perspectiva revela a complexidade da identidade não apenas como um símbolo de pertencimento, mas também como uma ferramenta de resistência social.

O processo de construção da identidade tem suas raízes na memória social, baseado em uma troca contínua entre o indivíduo e a sociedade. Segundo Lima (2009, p. 38), esse processo ocorre quando o indivíduo "compartilha seus conhecimentos e incorpora elementos de sua comunidade", formando assim sua identidade.

Na modernidade líquida, segundo Bauman (2007), a identidade é um projeto contínuo, influenciado pelas forças do consumismo que levam os indivíduos a se redefinirem constantemente através dos bens que adquirem. Ele destaca que "a felicidade prometida pelo consumo é sempre temporária, levando a uma insatisfação contínua" (Bauman, 2007, p. 45). A identidade é fluida e mutável, refletindo a natureza efêmera dos bens de consumo. As pessoas mudam suas identidades à medida que adotam novos estilos e produtos.

Bauman (2007) explora a efemeridade da felicidade consumista e sua relação com a insatisfação, na medida que Arce (1997) volta sua atenção para a identidade juvenil, ressaltando como este conceito tem sido historicamente associado às classes média e alta, predominantemente brancas. Segundo o mesmo autor, desde 1950, houve manifestações juvenis significativas nas classes populares da América Latina, mas essas não eram incluídas na representação dominante do "ser jovem".

A interseção entre consumo e identidade destaca como diferentes dimensões sociais moldam as percepções de felicidade e pertencimento. As visões

hegemônicas sustentavam que nas comunidades e bairros populares havia "delinquentes, vadios ou trabalhadores, mas não movimentos juvenis". Esse cenário começou a mudar nos anos 1980 e 1990, quando surgiu a representação de um novo ator social: "o jovem das favelas, das comunidades e dos bairros populares".

Ao abordar a juventude periférica, que é a qual o rap e o funk mais impactam, não estou sendo hegemônica, tendo em mente que as experiências e desafios vivenciados pelos jovens podem variar amplamente. As identidades são múltiplas e variam entre indivíduos, mas há experiências compartilhadas que se encontram na coletividade. Machado (2023), em seu estudo sobre o funkeiro Hariel, resume como a identificação surge do compartilhamento de conflitos, e como a música do artista transcende o mero retrato de dominação, abordando uma união baseada nessas vivências comuns.

Hariel, (em suas músicas) usa de diversos elementos comuns para pessoas que habitam periferias do Brasil, como suas atividades de lazer (música e bailes), além de discutir questões sociais de falta de acesso, negligência de governos locais, violência policial, racismo, misoginia e ainda outros tipos de opressão. Esses símbolos, positivos e negativos, têm a capacidade de englobar vivências de diversas realidades periféricas, mas não são utilizados como forma de definir essa população apenas por suas opressões ou por suas manifestações culturais. A força surge no movimento de reunir essas pessoas por conflitos comuns. O compositor não constrói a identidade de pessoas faveladas como experiência universal, ou apenas como dominados (como indica Bourdieu) mas sim pelo composto múltiplo de "Coisas que só quem é favela vive" (Denaro, 2023). A identificação, então, não vem pelo partilhar de sofrimentos, mas de conflitos. (Machado, 2023)

A construção da identidade acontece de forma relacional em dimensões coletivas. Para a juventude periférica e preta as expressões culturais, podem servir à possibilidade de construir e negociar suas identidades e suas representações, assim como formas de resistência, criação de vínculos sociais e reafirmação de pertencimento (Leite, 2023). Com seus limites e de formas diferenciadas, o estilo rap e o estilo funk são para esses jovens um meio pelo qual exercem o direito à escolha, às experimentações, ao lazer e à diversão; enfim, exercem o direito de serem jovens." (DAYRELL, pág 293, 2005).

Segundo Ramos (2009), a periferia não deve ser vista como um espaço isolado, situado entre o urbano e o rural. Em vez disso, ela faz parte integrante da cidade e é fruto de um processo de urbanização que prioriza a produção de espaço segundo critérios econômicos. Aqueles que não têm recursos suficientes para adquirir terrenos em áreas urbanas regulares acabam vivendo em regiões marcadas

por condições socioeconômicas precárias, frequentemente rotuladas como "subnormais". Este processo, de acordo com Ramos, não apenas marginaliza essas áreas, mas também cria barreiras significativas para a efetivação dos direitos dos moradores (Ramos, 2009).

Dando Contexto: Funk e Rap

A música desempenha um papel crucial na formação da cultura e identidade de uma comunidade. No Brasil, o funk e o rap destacam-se como gêneros que têm exercido grande influência na juventude.

O funk, que teve suas origens nos subúrbios dos grandes centros urbanos dos Estados Unidos, surgiu em estreita conexão com a cultura hip-hop. Esta forma de expressão artística e política se desenvolveu nos guetos negros norte-americanos, articulando um discurso de crítica social alinhado com as reivindicações do movimento negro. O hip-hop incorpora diversas manifestações artísticas, incluindo o rap – uma combinação de ritmo e poesia – com protagonistas como o Disk-Jockey (DJ) e o Master of Ceremony (MC). Conforme Herschmann (2005, p. 22), o funk é uma espécie de rap que segue a lógica do "sample e remix", criando novas músicas a partir de composições já existentes, sem a busca pela originalidade. No movimento hip-hop, o termo "funky", anteriormente definido pelo Dicionário Webster como "foul-smelling" e "offensive", perdeu seu sentido pejorativo e se transformou em um gênero musical, um ritmo, um estilo de vida e um símbolo de orgulho para a comunidade negra (Viana, 1998, p. 20).

No Brasil, o funk chegou no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, inicialmente influenciado pelo Miami Bass, um subgênero do hip hop. O "funk carioca" ou "funk brasileiro" se desenvolveu nas favelas do Rio de Janeiro, com letras em português e batidas eletrônicas marcantes, rapidamente se tornando um fenômeno local. Artistas como DJ Marlboro foram pioneiros e ajudaram a popularizar o gênero (Nascimento, 2015).

O rap, emergido no final dos anos 1970 no bairro do Bronx, em Nova York, chegou ao Brasil na década de 1980, com grande influência do hip hop americano. São Paulo se tornou o epicentro do rap brasileiro, com grupos como Racionais MC 's liderando o movimento. As letras do rap brasileiro abordavam as realidades das periferias, a violência policial, o racismo e a desigualdade social, temas que ressoam profundamente com a juventude das áreas urbanas (Oliveira, 2017).

Segundo Dutra (2007), o rap adquire características próprias em cada local onde é produzido, sincretizando-se com outras matrizes de culturas marginalizadas pela indústria cultural. Isso confere ao hip-hop uma identidade que é ao mesmo tempo global e local, identificando-se traços que ecoam a herança cultural local combinados dentro da estética do hip-hop.

A globalização cria um modo de vida em que os processos de formação da identidade estão relacionados ao consumo de mercadorias. A questão que se coloca é se isso é um processo que destrói as culturas locais e sua identidade cultural, ou do resultado desse contato surgiu uma nova cultura que contém elementos tanto da cultura local quanto da cultura dominante.

O funk tornou-se uma forma de expressão cultural importante nas favelas. Além da música, o funk inclui dança e moda, criando um estilo de vida próprio. As letras das músicas muitas vezes falam sobre festas, amor, e também sobre a vida difícil nas comunidades. Apesar de enfrentar preconceito e críticas, o funk é uma ferramenta poderosa de empoderamento e voz para muitos jovens. Para a juventude que escuta funk e rap, não basta somente consumir, é preciso impulsionar e fazer chegar a mais pessoas. Se mais pessoas escutam e consomem as músicas, é como se estivessem impulsionando sua existência junto com uma nova imagem para a sociedade, além daquela já estipulada de jovem favelado.

O rap, por sua vez, é frequentemente visto como uma forma de protesto. As letras críticas e conscientes do rap brasileiro inspiram muitos jovens a refletirem sobre suas próprias vidas e as injustiças sociais. O movimento hip-hop no Brasil não se restringe à música, mas inclui o grafite, a dança de rua (break dance) e outras formas de arte urbana, criando um espaço de resistência e identidade (Silva, 2020). O rap e o funk têm raízes comuns e compartilham a mesma origem, mas seguem caminhos diferentes. Ambos nasceram da música americana, surgiram em contextos socioeconômicos semelhantes e são direcionados ao mesmo público.

Apesar disso, há uma rivalidade entre os dois estilos, que funciona como uma maneira de se diferenciarem e criarem suas próprias identidades. Embora o rap e o funk tenham disputas, eles também se inspiram mutuamente. Por exemplo, o funk adota vestimentas, acessórios e até a postura agressiva do rap, especialmente nos videoclipes. No entanto, o rap dos Estados Unidos é distinto do rap brasileiro. Como MV Bill explica, nos EUA, o rap foi consumido pela indústria musical, dominando as paradas da Billboard, mas também perdendo conteúdo. No Brasil, onde o hip hop

não se tornou tão mainstream, ele ainda mantém um discurso mais autêntico e engajado (MV Bill, entrevista ao site Vírgula - UOL, 2013).

O funk, assim como o rap, integra o cotidiano das comunidades e reflete os esforços de defesa e resistência contra a influência do mercado (CUNHA, 2019, p. 1566). A vivência no funk oferece novas formas de territorialidade, caracterizada como uma "cultura de rua", que permite aos jovens estabelecerem relações sociais. Bares, ruas e esquinas se transformam em "verdadeiras redes socioculturais enraizadas no espaço regional" (GONÇALVES, 2010, p. 295).

Ligados a periferia e rapidamente se espalhando, o rap e o funk compartilham muitas semelhanças, apesar de suas diferenças aparentes. Ambos impactam vidas e mudam conceitos, mas cada um com seu foco distinto. Enquanto o rap pode abordar temas fúteis, ele é frequentemente criticado quando perde seu propósito principal, que inclui enaltecer mulheres e combater o racismo, com um posicionamento político claro. Embora existam casos de letras problemáticas, a cultura do rap se esforça para manter um discurso de resistência e autenticidade. Em contrapartida, o funk, apesar de muitas vezes ser associado a temas mais controversos, também tem seu valor cultural e social.

A história do funk e do rap no Brasil é uma história de adaptação e resistência. Esses gêneros musicais não apenas se adaptaram ao contexto brasileiro, mas também ajudaram a moldar a identidade cultural de milhões de jovens. O impacto dessas músicas vai além do entretenimento, oferecendo uma plataforma para a juventude se expressar, se organizar e lutar por mudanças sociais.

Susan McClary (2002) aborda a construção de identidade através da música de várias maneiras, destacando como a música pode refletir, reforçar e desafiar as identidades culturais, sociais e de gênero. Além da música clássica, McClary examina a música popular como um espaço onde identidades são construídas e negociadas. Ela considera como diferentes gêneros de música popular podem servir como veículos para a expressão de identidades culturais e sociais, e como artistas e ouvintes utilizam a música para afirmar e explorar suas próprias identidades.

A música é capaz de atuar decisivamente para a construção de identidade individual: junto com outros meios influentes como os filmes, a música nos ensina como experimentar nossas próprias emoções, nossos desejos e inclusive como experimentar nossas próprias emoções, nossos desejos e inclusive (especialmente a dança) nossos próprios corpos. Para bem ou

para o mal a música nos socializa (McClary, 2002, pág 53)

SILVA (1998) sugere que o discurso musical reflete a estrutura social de maneira simbólica.. Isso significa que, ao criar música, os indivíduos não trabalham apenas com sons, mas também com suas vivências sociais, traduzidas no formato do discurso sonoro. Em outras palavras, é uma recodificação da estrutura social em diferentes termos (SILVA, 1998).

A música é o principal produto cultural consumido pelos jovens, mas ela é mais vivida do que simplesmente ouvida. Ao longo do tempo, a música tornou-se um dos principais códigos de diferenciação no processo de autonomia cultural dos jovens. Para eles, é uma maneira de expressar sentimentos e pensamentos que não conseguem verbalizar(Lopes, 2016). Ela serve como um meio de compartilhar experiências juvenis. Dessa forma, de acordo com Dayrell (2005), a música tem a capacidade de promover um senso de comunidade e coesão social significativa.. É um agente de socialização, uma vez que as práticas culturais moldam comportamentos, hábitos e atitudes. Além disso, a música cria quadros de representação da realidade, arquétipos culturais, e modelos de interação tanto entre o indivíduo e a sociedade quanto entre indivíduos(Dayrell, 2005).

No Brasil, Tanto o Rap como o Funk é um dos mais significativos movimentos culturais da juventude das periferias no século XX e XXI. Originado na cultura popular urbana, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, o movimento do Rap e do funk desafia e questiona o sistema dominante por meio de sua música, dança, bailes, e estética única. A figura central desses generos é o jovem negro, pobre e morador de favelas que, contrariando a estrutura opressora que o inferioriza e segrega, busca protagonismo através de suas performances.

Xavier(2019) discute como a música produzida nas periferias serve como um espaço de resistência e afirmação para aqueles que, frequentemente, são invisibilizados pela sociedade. Nesse sentido, o funk se apresenta como uma ferramenta de expressão cultural que ultrapassa os limites da música, englobando também dança, moda, e comportamento, criando um estilo de vida característico. Essas manifestações culturais não apenas contestam os estigmas impostos sobre as comunidades periféricas, mas também constroem novas imagens de identidade, subvertendo a visão negativa e marginalizada atribuída aos jovens de favelas.

Tomo o seguinte trecho do MC Major Rd, na Música Favela Vive 5 como exemplo:

“Pensamento amplo
Sempre soube que rap era um templo
Por isso eu não dou mole no campo
Tô fora do sample
Mesmo sem cachê, rap era o trampo
Pra menorzada eu virei exemplo
Favela Vive, sabendo que o Lucas não tá vivo
Vou repetir sempre que possível
Efeito massivo, preto se fodendo é atrativo
Querem te matar sem ter motivo
Rio de Janeiro fez eu aprender que se eu pisar onde eu não devo
Eu morro com fama de traficante
Menorzão ligeiro, pra minha mãe não ter que me enterrar
No Ensino Médio, alegando que eu era um estudante
Eu sempre me esquivei do problema numa elegância suprema
De madrugada, pelo baile do barbante
Tu nem saiu da maisena, teu próprio papo condena
E o que tu fez pela tua área de importante?
Vi BK, DK, Funkero e Bill rimando na chuva com uns verso sem curva
Pensei: Eu sinto, isso é real
Eu passei pela prova no veneno e fiz o mermo
Sempre honrei o compromisso, o Lord sabe, é surreal
Montei gravadora, comprei dois cavalo caro
Tirei uns menor do crime, a Rock Danger é um legado
Santa protetora é quem protege meus soldado
Favela, inimigo do Estado”
(Major RD, Favela Vive 5, 2023)

Neste trecho da música, Major RD vê o rap como um templo, uma instituição sagrada que exige dedicação e seriedade. Mesmo sem reconhecimento financeiro, ele se dedicou ao rap como um trabalho, tornando-se um exemplo para os jovens

de sua comunidade. Inspirado por outros rappers, como BK, DK, Funkero e Bill, que enfrentaram adversidades, ele iniciou sua carreira na música. Orgulha-se de suas conquistas, como criar uma gravadora e ajudar jovens a sair do crime, demonstrando seu compromisso com a comunidade. Este ciclo de inspiração é contínuo, pois ele agora inspira outros jovens. Ao mesmo tempo, denuncia os perigos e preconceitos que os jovens enfrentam na comunidade. A música reflete a realidade dos jovens negros nas favelas brasileiras, abordando a violência policial, o preconceito racial e a falta de oportunidades. Paralelamente, celebra a resiliência e a criatividade desses jovens, que encontram no rap uma forma de expressão, resistência e transformação social.

Outro exemplo é a música dos Hawaianos (2010), mencionada a seguir. Nesta letra, o grupo busca destacar o estereótipo incorreto que define sua vivência no mundo e se reintroduzir, almejando reconhecimento.

“Não venha me chamar de favelado e de mau elemento,
Sou batalhador e o funk é o meu sustento.
Com fé em Deus acreditei no meu talento
e mergulhei no movimento.
Mas a nossa arma é o microfone e a munição é a voz
(...)
Eu sou brasileiro, sou do rio de janeiro,
Demoro, eu sou funkeiro sim.
Oi, por favor, deixa eu passar.
Sou discriminado mas também sou educado,
minha mãe me deu educação, e me botou pra estudar”
(Sou Brasileiro, Hawaianos, 2010)

A letra da música analisa questões de identidade, resistência e superação, desafiando estereótipos negativos associados aos moradores de favelas e aos funkeiros. O narrador se posiciona como um batalhador cuja fé em Deus e autoconfiança o impulsionaram a mergulhar no movimento funk, utilizando a música como arma e a voz como munição. Orgulhoso de sua origem carioca, ele reivindica respeito e reconhecimento, destacando a educação recebida de sua mãe. Essa narrativa ressoa com as discussões do sobre como o funk e o rap atuam na

construção e afirmação da identidade cultural, especialmente entre os jovens das periferias, que encontram na música uma forma de expressão e resistência contra a marginalização e a discriminação.

Pode-se afirmar que, por meio dos gêneros , esses jovens exercem diariamente seus direitos de cidadania cultural, como proposto por Chauí (2008), ao se inserirem ativamente em seus territórios, se constituírem como sujeitos e inventarem formas de participação social nos circuitos culturais e políticos (Leite, 2023).

Xavier (2020) utiliza de um conceito de “ Resistência Criativa”, que refere-se à capacidade das juventudes periféricas de se apropriarem de ferramentas da indústria cultural global, como o sample⁴ e o remix⁵, para ressignificar e transformar elementos preexistentes e criar novas formas de expressão. No caso do Funk, essa lógica é fundamental, como observa Herschman (2005) ao transformar materiais já existentes em novas produções, para atribuir novos significados que dialogam com as realidades locais. Essa prática torna o Funk um espaço de reinvenção cultural, onde as margens utilizam as dinâmicas globais para reafirmar suas identidades, subvertendo lógicas e transformando o consumo em uma ferramenta de resistência artística e política.

Tanto o funk quanto o hip-hop são testemunhos da capacidade da música de refletir, reforçar e desafiar identidades culturais, sociais e políticas. Originários de contextos urbanos desafiadores nos Estados Unidos, esses gêneros não apenas se tornaram influências globais na música contemporânea, mas também moldaram significativamente a forma como as comunidades marginalizadas são representadas e percebidas. Ao explorar suas raízes históricas e impacto cultural, é evidente que o funk e o hip-hop transcendem suas formas musicais para se tornarem movimentos sociais poderosos, oferecendo um espaço vital para a expressão individual e coletiva de identidades culturais e sociais.

⁴ Sample: Técnica utilizada na música para extrair trechos de outras gravações e incorporá-los em novas produções, criando novas composições a partir de materiais preexistentes.

⁵ Remix: Processo de modificação de uma música original, geralmente alterando sua estrutura, ritmo ou melodia, para criar uma nova versão com elementos distintos da composição inicial.

4- Entrevistas fãs e profissionais

é a voz e o corpo do povo que diariamente está na mira do estado ganhando visibilidade e projeção.

(Nyl, um dos entrevistados)

Neste capítulo, o objetivo é apresentar as percepções e experiências de fãs e profissionais envolvidos com o cenário do rap e do funk, com ênfase nas interações

e influências que esses gêneros exercem sobre a cultura e a identidade de seus participantes. A análise busca entender como o rap e o funk, duas manifestações musicais profundamente enraizadas nas periferias urbanas, se entrelaçam com as práticas culturais dessas comunidades, refletindo e, ao mesmo tempo, moldando as identidades locais. Esses gêneros não são apenas formas de expressão musical, mas poderosas ferramentas de resistência e conexão social, tendo um impacto profundo nas vivências de seus ouvintes e produtores.

Além disso, é essencial compreender o fenômeno da cultura de fã, que transcende o simples ato de escutar músicas, sendo um aspecto central na maneira como os fãs se identificam e se relacionam com esses gêneros. A cultura de fã no contexto do rap e do funk não se limita a uma relação passiva com a música, mas envolve uma participação ativa na construção de significados e no fortalecimento das comunidades em torno dessas expressões culturais. Os fãs, em sua dedicação e envolvimento, desempenham um papel essencial na amplificação das narrativas dessas culturas, sendo protagonistas na disseminação de suas mensagens e na reafirmação de sua relevância social e política.

Ao falar com pessoas que vivenciam essas cenas a partir de diferentes perspectivas, incluindo fãs, artistas e profissionais da indústria, tentamos compreender como o rap e o funk se configuram como elementos de resistência e luta, ao mesmo tempo em que servem como válvula de escape e plataformas para afirmação de identidade. Neste sentido, o rap e o funk emergem como formas de contestação social, além de se configurarem como mecanismos de empoderamento e pertencimento para aqueles que se veem representados por suas letras e ritmos. As interações entre esses gêneros e seus praticantes, muitas vezes vão além

da música, criando uma rede de significados e práticas culturais que influenciam a forma como as pessoas se percebem e se relacionam com o mundo ao seu redor.

Os relatos coletados são fundamentais para a construção deste estudo, pois oferecem uma visão concreta e profunda da experiência subjetiva de quem está imerso nesses contextos culturais e sociais. Ao ouvir histórias e reflexões dos participantes, o objetivo é compreender as motivações que levam esses indivíduos a se conectar tão intensamente com esses gêneros, seja como fãs ou profissionais. Esses depoimentos permitem uma análise mais detalhada sobre como o rap e o funk se tornam elementos estruturantes de identidade, enquanto desempenham papéis essenciais no fortalecimento do senso de comunidade e pertencimento.

Foram realizadas 15 tentativas de entrevistas, com questionário enviado para 10 fãs e 5 profissionais. Desse total, 10 respostas foram coletadas e usadas na análise. Os entrevistados incluem tantos fãs desses estilos, que vivem suas músicas e suas lutas cotidianas, como artistas e profissionais que atuam nos bastidores, como produtores e DJs responsáveis por transformar essas manifestações culturais em grandes movimentos artísticos e sociais. Essa diversidade permite que o estudo explore o rap e o funk não apenas como gêneros musicais isolados, mas como movimentos culturais dinâmicos e multifacetados, que refletem e influenciam questões sociais, políticas e identitárias de relevância no cenário contemporâneo.

4.1 Metodologia

A metodologia adotada para a coleta de dados deste estudo foi qualitativa e exploratória, com o objetivo de compreender as experiências e percepções de indivíduos envolvidos no universo do rap e do funk. A seleção dos participantes foi realizada de forma intencional, visando à diversidade de perspectivas dentro desses contextos culturais. As pessoas entrevistadas foram selecionadas por sua atuação no campo do rap e do funk, seja, como profissionais (produtores, djs, gestores de eventos), com integrantes da cena ou mesmo como fãs engajados desses gêneros musicais. Todos os entrevistados possuem uma conexão direta com o rap e o funk, seja através de sua atividade profissional ou de seu envolvimento com a música e a cultura desses estilos.

Devido a questões logísticas de agenda e horário, a metodologia de coleta de dados foi adaptada para entrevistas não presenciais. Optou-se por um

questionário composto por 15 perguntas, que foram enviadas aos entrevistados através de mensagens diretas no WhatsApp ou DMs nas redes sociais. As perguntas detalham questões sobre a relação dos entrevistados com os gêneros, suas experiências e percepções culturais, sendo um questionário específico para pessoas que selecionei como fãs e outro questionário para os que selecionei com profissionais. Para uma melhor compreensão, as perguntas completas estão disponíveis no Anexo A. Entre os principais temas abordados nas perguntas, tanto para fãs quanto para profissionais, estavam a relação dos participantes com a música, como e quando começaram a escutar os gêneros, a percepção sobre o impacto nas suas identidades culturais e sociais, e a forma como o rap e o funk se conectam com as questões de pertencimento e resistência periférica. Além disso, as perguntas procuraram investigar as influências do rap e do funk no comportamento e nas práticas cotidianas dos participantes, como suas interações sociais, participação em eventos, e o consumo de música digital. O conteúdo das questões foi pensado de maneira a garantir que os entrevistados pudessem expressar livremente suas opiniões, ao mesmo tempo em que se mantinha a coerência com os objetivos do trabalho de explorar a construção da identidade cultural através dos gêneros musicais

As respostas foram identificadas apenas pelo nome, idade e região de residência. A coleta desses dados foi necessária para fornecer informações sobre faixa etária e contexto socioeconômico dos participantes, permitindo compreender suas experiências com o Ra e o Funk dentro de um recorte periférico e jovem. As idades dos entrevistados variam entre 21 a 42, abrangendo uma faixa etária ampla, mas com características de coesão dentro da vivência e identidade da cena cultural que compartilham, especialmente nas periferias. Vale destacar que a maioria das pessoas que retornaram e demonstraram interesse na pesquisa foram fãs mulheres.

Embora tenha sido solicitado que as respostas fossem preferencialmente por áudio, visando aproximar a comunicação de uma conversa real, uma parte significativa dos entrevistados optou por responder por texto. Essa escolha pode estar relacionada com a disponibilidade e conveniência de tempo, bem como à preferência por uma forma de resposta mais controlada e revisada. As respostas de texto, embora um pouco mais formais, trouxeram um nível de detalhamento nas respostas que se mostrou muito valioso para a análise.

Por outro lado, as respostas por áudio trouxeram um tom mais informal e próximo de uma conversa real, o que era o objetivo, proporcionando uma percepção mais fluida e espontânea das experiências dos entrevistados. O formato de áudio traz nuance na fala, com entonação e emoções que não seriam evidentes em resposta escrita. Essas características do áudio ajudaram a estabelecer uma conexão mais próxima com os participantes, especialmente num contexto em que a interação ao vivo não foi possível.

A diversidade de formatos contribuiu para uma visão mais holística e autêntica das perspectivas dos participantes, atendendo ao objetivo de capturar a complexidade da relação entre o rap, o funk e a construção de identidade nas periferias.

4.2 IDENTIFICAÇÃO, REFLEXÃO E ENTRETENIMENTO

O rap e o funk se destacam como gêneros musicais profundamente conectados à vivência cotidiana das classes populares no Brasil. Mais do que música, eles representam histórias, reflexões e formas de resistência cultural. O jovem Ton, um dos entrevistados, destaca “ A característica que atravessa esses dois gêneros sem dúvida acredito ser a identificação, por isso de serem tão populares. principalmente entre os jovens que é o momento em que você tá buscando identificação, escolhendo seus grupos e etc.” (Ton, 24 anos)

De acordo com Fiske (1992), a cultura popular permite que os indivíduos ressignifiquem seus contextos, apropriando-se dos símbolos e narrativas em circulação para criar sentidos próprios. Essa apropriação é evidente nas narrativas dos fãs entrevistados, como no caso de Jorge, 32 anos, que diz “ Eu acho que(o rap e o funk) é uma cultura popular periférica de resistência. São um dos gêneros que dão mais voz, com mais potência à cultura popular”.

Ao perguntar sobre a diferenciação entre esses dois gêneros, boa parte dos entrevistados argumentou não haver diferenciação para além de questões como melodia e ritmo. Polly, 31 anos traz a seguinte reflexão:

Pra mim são mais semelhantes que diferentes. O rap e o funk tem seu berço dentro das comunidades e periferias do Brasil, que mesmo com uma influência externa significativa, consegue traduzir cem por cento a realidade

de cada lugar do Brasil. Falar sobre guerras que são traçadas diariamente pelo direito de seguir vivo, sobre lutas raciais que seguem sendo motivo de genocídio e condições Sub humanas para corpos pretos, principalmente. Mostrar a possibilidade de um outro mundo, que não seja o crime, ou até mesmo cantar sobre ele, falando sobre a realidade de muitos que o veem como único caminho. Falar abertamente sobre desejos e sexo. A mensagem do rap e do funk seguem alinhadas e ligadas diretamente com a realidade nua e crua vivida em seus espaços de origem. (Polly, 31 anos)

Alinhado com Polly, Nyl destaca “ na grande maioria dos casos, (o rap e o funk) é a voz e o corpo do povo que diariamente está na mira do estado ganhando visibilidade e projeção.”

Nessa Fala de Nyl, é possível relacionar também com o conceito “Formação subordinada” de Fiske(1992), um processo pelo qual as audiências das classes populares reinterpretam e recriam obras culturais a partir de suas próprias perspectivas. Essa resignificação ocorre de forma ativa, desafiando as narrativas impostas pelas elites culturais e criando novos significados que refletem a vivência das comunidades periféricas. Para Fiske, essa dinâmica entre produção cultural e apropriação popular é essencial para entender como as formações subordinadas resistem às normas hegemônicas, utilizando o entretenimento como espaço de crítica e transformação. O conceito de formação subordinada permite compreender como o Rap e o Funk transcendem o entretenimento, funcionando como espaços de resistência e protagonismo social. Esses gêneros, ao serem apropriados pelas comunidades periféricas, tornam-se instrumentos de questionamento e transformação , reafirmando o potencial subversivo da cultura popular .

Para Beatriz, 26 anos, o rap tornou-se um canal de fortalecimento de sua identidade racial e autoestima. “O rap me ajudou a aprimorar minha visão racial, e principalmente, quando escuto rappers femininas, percebo um impacto direto na minha autoestima”. A fala de Beatriz exemplifica o que Jenkins(1992) descreve como cultura participativa, onde os fãs não apenas consomem, mas constroem seus sentidos de mundo a partir da obra cultural. Polly também traz essa perspectiva de Jenkins em sua fala “Eu torno o meu dia melhor quando tô com o som no ouvido e a mensagem na cabeça. Quem tem propósito não pode parar e eu aprendi isso com rap. Assim eu sigo a minha vida”. (Polly, 31 anos)

Fiske (1992) argumenta que os fãs escolhem artistas e histórias de estilos de entretenimento produzidos em larga escala e os incorporam em sua própria cultura, ressignificando esses elementos dentro de sua realidade. Esse processo de adaptação e personalização é reflexo de uma construção de identidade, onde o consumo cultural vai além do simples gosto individual. A teoria de Bourdieu complementa essa ideia ao afirmar que os julgamentos estéticos são moldados pela herança cultural e social do indivíduo, sendo transmitidos por instituições como família, escola e igreja. O gosto, segundo Bourdieu (1979) é um reflexo da classe social e da oposição do sujeito na sociedade.

Falas como a de Luna(33 anos), reforçam essas concepções. Luna relata que o rap entrou em sua vida muito cedo através de seu pai “Comecei desde muito novinha, ouvindo rap com meu pai que sempre se amarrou nessa. Depois, um pouco mais velha, lá pra uns 12 anos comecei a frequentar matinês e nelas, obviamente, tocava funk sempre. Tomei gosto.” Isso ilustra como o gosto musical de Luna foi moldado por sua experiência familiar e social, destacando a influência da classe e do ambiente em que ela nasceu .

Priscilla(42 anos) ao compartilhar sua história, traz uma perspectiva que conecta diretamente o gosto musical com a história de resistência cultural e a construção de identidade. Ela menciona que em uma bolha familiar influenciada pelo rap, já que seu tio trabalhava com o grupo Racionais MCs, e que sua vivência no Clube da Cidade, em São Paulo, fortaleceu ainda mais sua relação com o rap “ a gente foi muito influenciado pelo rap na minha bolha de criação”, diz Priscilla. O clube da Cidade, um espaço que representava a cultura negra e o protagonismo da periferia, também reforça como o rap , para ela, foi mais do que uma escolha musical: foi uma forma de resistência, criando um sentimento de pertencimento que é central para para sua relação social.

Para Fiske (1992) esse processo de escolha e ressignificação cultural, aliado à perspectiva de Bourdieu(1979) sobre o gosto como reflexo da classe social, se concretiza na prática quando esses gêneros se tornam parte essencial da identidade dos fãs, não apenas como uma escolha, mas como uma forma de afirmar pertencimento, resistência e visão de mundo.

De maneira complementar, Ester, de 24 anos, reflete que, apesar de o Funk contemporâneo ter um caráter mais voltado para o entretenimento, ele também pode revigorar o empoderamento feminino: “ Muitos Funks produzidos por mulheres

hoje já resgatam esse posicionamento do corpo feminino na cena urbana”. Essa fala destaca a dinâmica de gênero que mescla diversão com temas politizados, reforçando o papel ativo das mulheres na construção de narrativas dentro do funk.

Os profissionais entrevistados também ressaltam a dimensão de identificação promovida por esses gêneros.

“Eu acho que o rap ele traz uma visão mais crítica, porque o rap é um movimento que é composto por alguns pilares né. Então ele tem essa estrutura realmente para trazer uma mudança para além da música. E eu acho que o funk ele dá um sopro de vida, um sopro pra vida da galera que fundamentou esse gênero, que pra mim é a galera periférica.”
(Jorge, 32 anos)

Essa perspectiva dialoga com Bourdieu(1984), que identifica a cultura como um campo de disputas simbólicas, onde as práticas culturais emergentes podem se tornar estratégias de sobrevivência e resistência social. Ton, 24 anos também expressa essa visão em sua fala “ crescer escutando o "rap de mensagem" me fez entender muito cedo minha posição enquanto homem negro da sociedade e como eu teria que ser resiliente e resistente para sobreviver a ela e até prosperar na mesma.” (Ton, 24 anos). Assim, o rap e o funk se posicionam como formas de expressão que ajudam a construir não apenas identidades individuais, mas também coletivas.

Ao mesmo tempo, os fãs destacam o papel do entretenimento nesses gêneros. Camila, 28 anos, define o rap como um “ canto de combate” e o funk como “ energia para animar o dia”. Essa dualidade reflete o que Jenkins(1992) define como potencial de gêneros culturais populares de serem tanto subversivos quanto celebrativos, permitindo múltiplas formas de engajamento. Polly também faz isso em seu depoimento: “ funk sempre esteve presente na minha casa. Era nos discos, nas fitas, nos aniversários e churrasco, o som da massa estava lá. Não havia celebração sem esse ritmo, assim como um bom samba”

Entre autenticidade e Inovação

Os gêneros rap e funk têm passado por transformações significativas, tanto na forma quanto no conteúdo, refletindo as mudanças nos contextos sociais e nas tecnologias que moldam a cultura contemporânea. Essa dinâmica se relaciona ao conceito de cultura popular de Fiske(1992), que enfatiza como os produtos culturais massificados são ressignificados por formações subordinadas, criando novos significados que dialogam com as experiências locais.

Para exemplificar, Ton (25 anos), produtor musical, traz a observação “ O trap trouxe uma estética focada na vibe e menos na mensagem crítica que era o alicerce do rap tradicional”. Essa mudança ilustra o que Fiske descreve como a tensão entre a cultura hegemônica e a subordinada: à medida que o rap ganha espaço no mainstream, surgem novos estilos e vertentes que adaptam os pilares originais do gênero às demandas do mercado. Isso se alinha à ideia de Bourdieu (1948) sobre habitus, onde as práticas culturais são moldadas pela posição social dos sujeitos, mas também respondem às pressões do campo cultural e econômico.

Para a juventude periférica e preta as expressões culturais, podem servir à possibilidade de construir e negociar suas identidades e suas representações, assim como formas de resistência, criação de vínculos sociais e reafirmação de pertencimento (Leite, 2023). Essa relação é perceptível na análise de Gabriel(22 anos) que traz a fala que “ o rap é o grito dos inocentes, enquanto o funk funciona como uma fuga da realidade” . Essa dualidade evidencia como ambos os gêneros continuam a responder às condições de vida nas favelas e periferias brasileiras, seja por meio da denúncia no caso do rap, ou da celebração, no caos do funk

A relação histórica com as periferias urbanas é evidente na fala de Jorge, que descreve o rap e o funk como “ culturas populares periféricas de resistência.” essa conexão remete ao contexto de surgimento dos gêneros. Enquanto o Rap se consolidou como um dos pilares da cultura hip-hop nos Estados Unidos, trazendo narrativas de denúncia contra a violência racial e a opressão sistêmica, o funk carioca emergiu como uma adaptação brasileira do Miami Bass, refletindo as festas das favelas do Rio de Janeiro.

Jorge também traz uma fala que destaca o papel crucial dos gêneros na transformação social afirmando “ o Rap e o funk mano, nossa , ele faz um monte de profissional, um artista por segundo parece. E cada vez mais uma galera mais nova.” Essa observação reflete a capacidade desses gêneros de impulsionar carreiras e abrir caminhos permitindo que esses indivíduos convertam suas vivências em capital cultural e econômico. Fiske (1992) ressalta como a cultura popular, especialmente nas formações subordinadas, atua como um mecanismo de resistência e empoderamento, gerando espaços para que esses artistas afirmem suas identidades e ascendam no campo cultural

Além disso, a apropriação tecnológica e o uso das redes sociais, exemplificam o conceito de cultura participativa de Jenkins(1992). as redes sociais

não apenas ampliaram o alcance do rap e do funk, mas também criaram novas formas de interação entre artistas e públicos. A fala de Marcus auxilia nessa compreensão “ A tecnologia auxilia, né? Se a gente for pegar alguns desses álbuns aí...Tava até comentando hoje que o álbum do Orochi, ele gravou no armário da casa dele. Isso é graças à tecnologia, geralmente não tinha essa possibilidade.” Os limites da produção cultural dos fãs são definidos pela tecnologia disponível, e eles sempre expressam suas ideias utilizando as ferramentas e interfaces à disposição. Cada obra criada por fãs carrega consigo essas limitações, e a tecnologia desempenhou um papel fundamental em reduzi-las, permitindo a criação de obras progressivamente mais complexas e próximas do padrão oficial.

O impacto dessas mudanças também é perceptível no público. Bella (24 anos) ressalta como o funk e o rap são “ ritmos que ditam tendências e se adaptam a comunidade que vive”. alinhado a esse depoimento, ragoso (2008) a identidade está sempre ligada à maneira como os indivíduos se relacionam com os valores das sociedades e grupos aos quais pertencem. Porém, essa capacidade de adaptação também traz um dilema: enquanto a comercialização desses gêneros os torna mais acessíveis, pode haver um distanciamento de suas raízes críticas e contestadoras. Ton menciona que “ o receio é que o rap se torne um gênero focado apenas na vibe, perdendo os pilares que construíram” .

Isto se conecta com o trabalho de Jenkins (1992), que observa como os fãs criadores negociam constantemente entre a preservação da autenticidade e as demandas do mercado cultural. No caso do funk, Marcus (27 anos) identifica um fenômeno semelhante, de como o funk carioca, assim como o samba em outros tempos, se reinventa para atender tanto o público periférico quanto às massas. Esse processo demonstra como os gêneros continuam a operar como espaços de resistência e experimentação, mesmo em meio às pressões comerciais

4.3 Fãs, admiradores e entusiastas

O conceito de fandom e as tipologias de engajamento cultural propostas por John Fiske (1992) e Abercrombie & Longhurst (1998), abordados no capítulo 1, permitem compreender de forma mais profunda as relações entre o público e gêneros musicais, como no caso do rap e do funk. Esses estilos que surgem de contextos periféricos e racializados, servem como espaços de criação, contestação

e transformação social. Para além do entretenimento, mobilizam significados que traduzem em formas de resistência cultural e fortalecimento identitário.

Fiske define o fandom como um fenômeno cultural que vai além do consumo passivo. Ele descreve como uma prática ativa e produtiva, em que os fãs ressignificam e apropriam os produtos culturais para construir novos sentidos, muitas vezes em oposição aos discursos hegemônicos. Dentro desse cenário, o fandom dentro do rap e do funk oferecem ferramentas simbólicas precisas para questionar opressões e afirmar identidades marginalizadas,

Já Abercrombie e Longhurst (1998) ajudam a ampliar essa compreensão ao distinguir três níveis de engajamento no consumo cultural de fã: O fã, o admirador e o entusiasta. Essa diferenciação fornece uma estrutura útil para analisar as dinâmicas entre indivíduos e comunidades na interação com o rap e o funk, abordando desde o consumo individual até a participação ativa na produção.

Antes dos resultados das entrevistas tinha convicção de que a maioria dos entrevistados iriam se identificar dentro de uma comunidade, um fandom dentro do funk e o rap. Na minha perspectiva, somente por fazerem parte de alguma região periférica e por consumirem os gêneros, os participantes iriam se considerar dentro de uma comunidade de fã, fandom. Entretanto, apenas alguns entrevistados realmente se identificaram dentro de um contexto de grupo, o que me surpreendeu. Os conceitos de Abercrombie e Longhurst (1998) me ajudaram a entender melhor como agrupar essas diferenças de participação dentro da cultura dos gêneros musicais propostos.

Os fãs, segundo Abercrombie e Longhurst, são aqueles cujo engajamento ocorre em um nível predominante individual. Eles consomem os produtos culturais de forma pessoal, encontrando neles significados que se conectam às suas próprias experiências de vida. Essa prática se difere do conceito de fandom de Fiske, mas se aproxima do conceito de produtividade semiótica do mesmo, no qual o consumo cultural é reinterpretado no contexto das necessidades e vivências do indivíduo.

Beatriz(26 anos), por exemplo, revela como o rap moldou sua compreensão de raça e autoestima. Para ela, as letras de artistas como BK e Duquesa são mais que músicas, elas se tornam espelhos de sua realidade e ferramentas para repensar sua trajetória pessoal. “ Comecei a pensar de outra maneira “, aponta, destacando o impacto que o gênero tem em sua individualidade. De forma semelhante. Bella (24 anos) reconhece no funk e no rap um reflexo da vivência

periférica, descrevendo-os como retratos de uma experiência coletiva que, no entanto, ela consome de forma mais introspectiva. Mesmo sendo casos que ilustram o consumo mais individual e não tão dentro de um fandom ou comunidade ligada aos gêneros, ainda há uma ressignificação do cotidiano gerando impactos profundos na identidade e percepção do mundo para além do entretenimento gerado.

Os admiradores, já estariam em um nível de engajamento mais social. Eles não apenas consomem o produto, mas também se envolvem em eventos, interações e promovem trocas significativas. Esse tipo de engajamento se relaciona com a produtividade enunciativa de fiske, que envolve a criação de significados por meio da comunicação por meio da comunicação e do compartilhamento entre os indivíduos.

Gabriel (22 anos) é um exemplo claro desse engajamento. Por mais que atualmente seu consumo majoritariamente através de streamings ele cita a participação que teve na Batalha do Tanque, um dos maiores eventos de rap do Rio de Janeiro, ele encontra um espaço onde a arte dialoga com o público e conecta diferentes realidades.

“Já participei assiduamente da Batalha do Tanque em São Gonçalo, uma batalha de rap muito conhecida no meio. Para mim era muito importante para ter contato com uma cultura que eu cresci admirando, ver na prática a arte sendo mostrada para muitas pessoas e é legal que a prefeitura de São Gonçalo começou a abraçar o evento e dar incentivo, já houveram casos de precisar de tendas para que a batalha acontecesse mesmo na chuva e a prefeitura cedia as tendas, caixas de som, dentre outros equipamentos.”
(Gabriel. 22 anos)

Já Camila, (28 anos) relata como sua participação no bloco de carnaval “Baile Todo” resgata memórias da sua adolescência, reforça laços afetivos enquanto promove a celebração do funk em um contexto festivo e comunitário. “A princípio, era só para experimentar estar produzindo o carnaval, mas reviver a Camila de 13 anos que dançava funk no quintal das amigas criou esse espaço de afeto”, diz Camila. Jorge(32 anos) destaca ainda as rodas de rap como espaços centrais para difundir a cultura no Rio de Janeiro, proporcionando encontros entre consumidores e produtores. Os admiradores utilizam o rap e o funk não apenas como consumo,

mas também como uma forma de criar redes sociais e construir espaços de fortalecimento comunitário.

Já os entusiastas, vão além do consumo e da conexão social, tornando-se produtores culturais ativos e contribuindo ativamente para criação de novos conteúdos. Essa prática se alinha à produtividade textual de Fiske(1992), onde os fãs criam novos produtos e transformam o objeto de fandom

Polly(31 anos) ao atuar como coreógrafa de um bloco de carnaval que fala sobre funk, exemplifica esse contexto. Para ela, estar presente nesses espaços é uma orma de “ garantir o direito dos nossos corpos livres” e abrie abrir portas para outros corpos negros dentro deste cenário cultural. luna (33 anos) também membro do mesmo bloco de carnaval destaca :

“Tenho um projeto que mistura funk e carnaval. Hoje esse projeto é minha principal frente de dedicação, é meu bebê, meu orgulho! No cenário do carnaval de rua carioca, que tem origem preta, mas que foi, como quase tudo, usurpado pela maioria branca, ter um projeto de funk que conseguiu implementar equidade racial e políticas de afirmação e permanência é realmente algo de extrema importância não apenas pra mim, mas pra sociedade como um todo!”(luna, 33 anos)

Nyl (33 anos), como membro do coletivo Leopoldina Hip Hop “Além de ser MC, faço parte do Coletivo Resistência Cultural, que há 7 anos vem desenvolvendo a plataforma de cultura Leopoldina Hip Hop, contribuindo com a cena underground através de eventos, produção de conteúdo e formação. Os entusiastas utilizam os gêneros musicais para criar novos espaços de resistência e produção cultural, ampliando a transformação social.

Por mais que poucos entrevistados tenham se declarado assíduos em alguma comunidade, o conceito de Fandom descrito por Fiske (1992) se manifesta claramente no engajamento desses indivíduos. Para Fiske, o fandom é uma prática ativa e criativa que permite ressignificação dos produtos culturais. Essa participação é o tempo todo mostrada das falas dos entrevistados, que mesmo não se considerando, conseguem se relacionar e participar da construção de um fandom dentro do rap e do funk. O Fandom nestes casos transcende o consumo e torna-se uma prática cultural de resistência e transformação social que reafirma identidades periféricas e a cultura local.

Conclusão

A hipótese inicial deste trabalho partia do pressuposto de que todos os entrevistados se identificavam como parte de uma comunidade, de um fandom dentro dos gêneros rap e funk. No entanto, os relatos indicaram que embora a conexão com esses estilos musicais fosse forte, poucos entrevistados estavam ativamente envolvidos em grupos organizados. Apenas alguns, como Polly, Nyl, Luna e Camila declararam participar diretamente de iniciativas coletivas ligadas ao funk. Entrevistados Como Gabriel e Jorge alegam já terem participado mas atualmente não integram nenhuma comunidade diretamente. Entendendo que a quantidade qualitativa de resultados não é o suficiente para trazer as conclusões em um contexto social mais amplo, os dados obtidos já conseguem trazer uma discussão para dentro do cenário desse grupo de entrevistados. Esse dado revelou um aspecto essencial da cultura de fãs, conforme discutido por Fiske(1992): a participação em um fandom não depende exclusivamente da inserção formal em comunidades organizadas, mas pode se manifestar de diferentes formas, desde o consumo ativo até a identificação cultural simbólica.

Mesmo sem se auto denominarem “fãs” ou membros de comunidade, todos os entrevistados expressam uma relação profunda com os gêneros musicais, evidenciando seu impacto na construção de identidade e percepção social para este grupo. O contato precoce com esses estilos musicais reforça sua importância na formação de valores e na maneira como, para esse grupo de ouvintes enxergam o mundo. Isso se torna evidente no relato de Gabriel:

foram estilos musicais que foram cruciais na minha formação e na visão que eu tenho do mundo, com todas as vivências que tive, pessoas que eu vi mudarem de vida por causa do rap e do funk. Até a forma de tratar as pessoas e ter empatia e respeito têm a ver com o que eu vivi escutando nesses ritmos, aprendi, aprendo e ainda aprenderei muito com isso.
(Gabriel, 22 anos).

Além disso, as entrevistas confirmam que o rap e o funk para aquele determinado grupo não são apenas formas de entretenimento, mas também de resistência, pertencimento e transformação social. Os gêneros não apenas refletem a realidade das periferias, mas também fornecem narrativas que ajudam a ressignificar vivências e impulsionar mudanças e incentivar a continuidade de

produção cultural envolvida nesses meios. Como apontado por Jorge, um dos entrevistados que atua profissionalmente nos setores "O rap e o funk, mano, nossa", ele faz um monte de profissional, um artista por segundo parece. E cada vez mais uma galera mais nova."

Dialogando com os estudos de Fiske(1989) sobre a economia cultural dos fandoms com a noção de cultura popular como espaço de resistência e empoderamento, essa fala demonstra como o rap e o funk podem funcionar como mecanismos de mobilidade social e oportunidade de ascensão profissional para jovens periféricos.

Ao longo deste trabalho, tornou-se evidente a relação entre público e gênero musical, desse grupo, a dinâmica de que os ouvintes não apenas consomem rap e funk, mas também influenciam suas narrativas e desenvolvimento. Como discutido no Capítulo 2 , os gêneros musicais carregam elementos de identidade coletiva e são moldados pelas realidades de seus ouvintes, criando uma troca contínua entre música e sociedade. Essa interação também pode ser observada nas mudanças e adaptações que os gêneros passaram ao longo do tempo, que se relaciona com a fluidez cultural abordada por Bauman(2007) e a formação subordinada descrita por Fiske (1992).

Por fim, a escolha de analisar rap e funk conjuntamente em uma perspectiva mais ampla se mostrou pertinente, pois ambos compartilham origens periféricas e desempenham papéis centrais na construção de identidade de seus ouvintes. A partir das entrevistas, percebe-se que esses gêneros para os indivíduos entrevistados não apenas representam a realidade de suas comunidade, mas também atuam como agentes de transformação, permitindo que seus ouvintes ressignifiquem experiências, fortalecem sua autoestima, e, em alguns casos, consigam uma mudança de vida e de aspecto social.

Assim, este estudo reafirma a importância do rap e do funk como fenômenos culturais que vão além do entretenimento. Eles funcionam como espaços de expressão, resistência e pertencimento, influenciando e sendo influenciados por seus ouvintes em uma relação contínua e multifacetada.

Referências bibliográficas

ABERCROMBIE, N.; LONGHURST, B. *Audiences: A Sociological Theory of Performance and Imagination*. London: Sage, 1998.

AQUINO, M. A.; SILVA JÚNIOR, J. F. A informação no funk: construindo a identidade afrodescendente. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/100292>. Acesso em: 09 nov. 2023.

ARCE, J. M. V. O funk carioca. In: HERSCHMANN, M. (org.) *Abalando os anos 90: Funk e Hip-Hop – Globalização, Violência e Estilo Cultural*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

COSTA, J. H. *Reflexões sobre a indústria cultural a partir de Pierre Bourdieu: a importância dos conceitos de Habitus e Capital Cultural*. *Revista Espaço Acadêmico*, ano 12, n. 140, 2013.

CURI, Pedro P. *Entre fan arts, fan fictions e fan films: o consumo dos fãs gerando uma nova cultura*. VI ENECULT. UFBA. Salvador, Bahia, Brasil, 2010.

DAYRELL, J. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DUTRA, Juliana Noronha. *RAP: identidade local e resistência global*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, SP, 2007.

FISKE, J. *The Cultural Economy of Fandom*. In: LEWIS, L. A. (ed.) *The Adoring Audience*. London: Routledge, 1992. Disponível em <
<https://paas.org.pl/wp-content/uploads/2014/07/Fiske.pdf>> acessado em 13 de set. 2023

_____. *Understanding Popular Culture*. Edition illustrated, reprint, revised. London: Routledge, 1989.

FRAGOSO, Ilza da Silva. *Instituições-memórias: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

HERSCHMANN, M. *Na trilha do Brasil contemporâneo*. In: HERSCHMANN, M. *Abalando os anos 90: Funk e Hip-Hop – Globalização, Violência e Estilo Cultural*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1997.

LOPES, A. C. *A favela tem nome próprio: a (re)significação do local na linguagem do funk carioca*. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 9, n. 2, p. 369–390, 2009.

LOPES, Adriana Carvalho. A construção da identidade juvenil no funk carioca. Anais do SETA, n. 1, 2007.

Machado, Hugo Teixeira Carrião. Mac"Avisa que é funk" : o discurso consciente de MC Hariel como proposta democrática. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. Mariana. 2023. Disponível em < https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/6332/3/MONOGRAFIA_AvisaFunkDiscurso.pdf> Acessado em 15 de nov 2023.

MARGULIS, M. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires, 1996.

MARTINS, C. H. dos S.; RIBEIRO, C. Cultura juvenil e escola: o funk como ferramenta pedagógica e de identidade da juventude negra carioca. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 10, n. Ed. Especi, p. 91–108, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/414>. Acesso em: 9 nov. 2023.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes*. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Elaine Moura e Silva. *Rap contestação e funk ostentação: consumo e discursos sonoros na periferia*. Dissertação (Mestrado em Ciências e Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2016.

PACHECO, Joice Oliveira. Identidade cultural e alteridade: problematizações necessárias. *Revista Eletrônica da UNISC*, Santa Catarina, 2004.

PINHO, Patrícia Santana. *Reinvenções de África na Bahia*. São Paulo: Anneblume, 2004.

PINTO DE FARIAS, Tássio Ricelly; COSTA, Jean Henrique. Ensaio sobre o ‘gosto’ em Theodor W. Adorno e Pierre Bourdieu. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 37, n. 1, p. 93-101, 2015. Disponível em: [\[https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v37i1.26196\]](https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v37i1.26196). Acesso em: 4 nov. 2023.

RAMOS, Sílvia. A construção da periferia na cidade brasileira: um espaço marginal. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n. 1, p. 89-104, 2009.

SANTOS, Fellipe. O rap e o funk cada vez mais unidos. *Revista Rap Mais*, 28 abr. 2018. Disponível em:

[<https://portalrapmais.com/rap-e-o-funk-os-dois-cada-vez-mais-unidos/>]. Acesso em: 26 jul. 2024.

SETTON, M. G. J. Uma introdução a Pierre Bourdieu. *Revista Cult*, ano 11, v. 128, p. 47-50, 2010. Disponível em

<<https://revistacult.uol.com.br/home/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/>>

SILVA, J. C. G. *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SILVEIRA, Stefanie Carlan da. *A cultura da convergência e os fãs de Star Wars: um estudo sobre o conselho Jedi RS*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SIMÕES, P. G. CELEBRIDADES NA SOCIEDADE MUDIATIZADA: em busca de uma abordagem relacional. *Revista Eco-Pós*, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 104–119, 2014. DOI: 10.29146/eco-pos.v16i1.1170. Disponível em:

https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1170. Acesso em: 29 out. 2024.

Xavier, L. (2019). *Música e identidade: A resistência da cultura periférica*. São Paulo: Editora Alfa.

Xavier, L. (2020). *A apropriação cultural nas periferias: Funk, rap e resistência*. Rio de Janeiro: Editora Beta.

Anexo A

Perguntas para os Fãs

1. Quando e como você começou a ouvir rap e/ou funk?
2. O que te atrai nesses estilos musicais?
3. Você sente que o rap e/ou funk reflete a sua realidade ou a de quem está ao seu redor?
4. Há algum artista ou música de rap ou funk que te marcou especialmente? Por quê?
5. Como você consome rap e funk atualmente (shows, streaming, eventos)?
6. Você participa de alguma comunidade ou grupo relacionado a rap ou funk? Se sim, qual a importância disso para você?
7. Na sua opinião, quais são as principais diferenças e semelhanças entre o rap e o funk?
8. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?
9. Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?
10. é importante para você que as pessoas com que você se relaciona (amigos, parceiros, família) também escutem e gostem desses estilos?
11. Como você enxerga a relação entre esses estilos e as questões sociais?
12. Como você percebe a presença de outras influências culturais no rap e no funk que você consome?
13. O que você acha que poderia melhorar no cenário atual do rap e/ou funk?
14. Quais são os outros estilos musicais que você consome ?
15. Me fala seu bairro e cidade por favor

Perguntas para os Profissionais

1. Como você começou a trabalhar com rap e/ou funk?
2. Qual é o impacto de cada gênero no público que você observa?
3. Você percebe mudanças no estilo ou na recepção do rap e do funk ao longo dos anos?
4. Como o rap e o funk se conectam com outras expressões culturais na sua experiência?
5. Quais são os maiores desafios para artistas e profissionais no universo do rap e do funk hoje?
6. Quais estratégias você usa ou observa para manter a autenticidade dos gêneros rap e funk?
7. Como a tecnologia e as redes sociais têm impactado o trabalho com o rap e o funk?
8. Existe algum momento ou projeto marcante na sua trajetória que reflete a força do rap ou do funk como expressão cultural?
9. Como você enxerga o papel do rap e do funk no mercado musical atual, em comparação a outros gêneros?
10. Quais são as principais inspirações musicais ou culturais que você percebe entre os artistas de rap e funk com quem trabalha?
11. Quais outros gêneros você consome?

Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

me fala seu bairro e cidade por favor

RESPOSTA FÃS

Beatriz - 26 anos - Parada de Lucas , Rio de Janeiro

1.Quando e como você começou a ouvir rap e/ou funk?

Bom, eu escuto mais rap, muito mais rap do que funk, assim, de botar no fone, de ficar no dia de escutar pra trabalhar. Funk foi mais na adolescência, mesmo no fim da adolescência, 18, 19 anos. E o rap eu comecei a escutar assiduamente com 22 anos, que eu comecei a gostar mesmo, sabe? Eu já conhecia de mais nova, mas de passar a escutar assim na rotina foi aos 22, 21 anos mais ou menos.

2.O que te atrai nesses estilos musicais?

Eu acho que o que me atrai é eu ter me identificado com as questões raciais que muitos rappers mencionam- Eu vou falar mais de rap porque eu escuto muito mais rap -Mas as questões raciais, né? De autoestima também, quando a gente fala das rappers femininas. Então acho que atualmente é isso, assim, a vivência nos aspectos raciais. Nos aspectos de relacionamento também, é o que mais me atrai nesses estilos também.

3.Você sente que o rap e/ou funk reflete a sua realidade ou a de quem está ao seu redor?

Com certeza assim, eu percebi isso quando eu comecei a escutar, principalmente porque foi mais ou menos uma época que eu saí um pouco de uma bolha elitista, né, onde eu estudei no ensino médio, no início do ensino médio e no fundamental, era realmente uma coisa totalmente diferente do que o rap conta, e quando eu sai disso, coincidentemente eu consegui me identificar melhor com esse estilo musical. Então passou a refletir um pouco a realidade das pessoas que estão no meu entorno e um pouco da minha também.

4.Há algum artista ou música de rap ou funk que te marcou especialmente? Por quê?

Cara, eu vou ter que falar dois nessa pergunta 4 , porque eu acho que não tem como ser só um deles. Mas o primeiro e o que ficou até hoje foi o BK. Eu acho que a forma com que ele conta coisas que são doloridas, tanto de vivência racial, de autoestima, no caso dele de autoestima de homem, como de relacionamento, são muito marcantes. Ele tem um diferencial muito grande da hora de escrever e de cantar, então desde o primeiro momento que eu escutei ele me marcou muito. Mas eu não posso deixar de falar da Duqueza, que é uma das que eu escutei mais recentemente. A forma com que ela aborda sobre autoestima feminina, sobre empoderamento feminino, pra mim é tipo top! É realmente algo que me marca muito de escutar quando eu estou precisando escutar alguma coisa desse tipo. Então basicamente esses dois. Desde o começo, sabe?

5. Como você consome rap e funk atualmente (shows, streaming, eventos)?

É... como eu consumo o rap, o funk, indo em show e ouvindo música, ouvindo no streaming, né, no Spotify. Então, sempre que eu tô muito afim de escutar, é fone de ouvido, escuto trabalhando, escuto treinando. E qualquer oportunidade em show, eu estou lá. Porque eu acho que a experiência do ao vivo também, de escutar as barras, é a melhor coisa que tem. Então, basicamente é isso mesmo. Show, streaming, evento que eles estão lá cantando, eu tô lá apoiando.

6. Você participa de alguma comunidade ou grupo relacionado a rap ou funk? Se sim, qual a importância disso para você?

Então eu, sobre as seis né, eu não participo de nada, eu só realmente tinha a minha participação é escutar os artistas que eu gosto mesmo e conhecer novos também sempre que possível.

7. Na sua opinião, quais são as principais diferenças e semelhanças entre o rap e o funk?

Eu não sei se eu vou saber muito bem é alguma coisa muito profunda a diferença. Eu acho que o principal mesmo é a diferença do rap funk pode ser a parte instrumental né, o som é diferente a batida o ritmo é diferente, assim eu acho que os

dois podem ter uma origem comum em algum momento e os dois eles podem abordar as mesmas vivências mas o gênero né o ritmo é que pode diferenciar. Isso não sei se eu consigo fazer uma análise mais profunda é além do que eu falei agora.

8. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

Eu acho que o rap e o funk me ajudaram a aprimorar a minha visão racial, sabe? Principalmente porque eu dou prioridade a escutar artistas pretos. Então me ajudou a ter essa visão mais racial e quando eu falo de rapper feminino, de fato ajudou na autoestima, sabe? As histórias que elas contam nas músicas, assim, às vezes são histórias que aconteceram comigo e ouvir uma outra pessoa falar sobre isso às vezes ajuda a gente a pensar de uma outra maneira, né? A mudar o comportamento positivamente. Então eu acho que dessa maneira, assim, esses gêneros com certeza influenciaram em algumas atitudes minhas.

9. Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

Cara, eu acho que pode rolar, assim, uma influência, né? Eu acho que a galera se inspira muito no estilo de vida que o rap e o funk contam também. É que eu vou mais pela percepção, assim, da reflexão, na verdade, que essas músicas trazem, mas eu acho que o que eu mais vejo no entorno é o estilo de vida que eles pregam, né? E a galera se influencia muito por isso, assim, pode ser positivo ou negativo, mas pra mim existe sim essa influência na comunidade, né? Onde o rap e o funk estão dominando mais.

10. É importante para você que as pessoas com que você se relaciona (amigos, parceiros, família) também escutem ou gostem desses estilos?

Olha eu não assim eu acho ótimo quando eu tenho pessoas em comum que escutam as mesmas coisas que eu é bom porque a gente consegue trocar também as reflexões eu curto muito falar um pouco sobre sobre as músicas que eu escuto e tal e mas é uma parada que tipo eu faço questão não entendeu mas é bom quando

tem alguém que gosta do mesmo estilo que eu né acho importante também mas se não tiver não tem problema.

11. Como você enxerga a relação entre esses estilos e as questões sociais?

Cara, eu acho que esse tipo de arte, a música, no geral, ela ajuda a gente a chegar mais perto de questionar algumas situações, sabe? O rap e o funk, eu acho que, com certeza, eles ajudam nisso, porque é uma forma assim mais... Sei se só esse tipo de música, mas eu enxergo uma forma mais explícita de falar algumas questões críticas da sociedade, e faz chegar numa massa que talvez não entenderia isso em um outro ambiente, sabe? Em uma outra forma de discutir. Então, eu acho que esses estilos, não sei se estou respondendo exatamente certo, mas eu acho que têm essa relação, porque eles buscam conversar com o público, com o ouvinte, sobre essas questões, sabe? E além do que normalmente os rappers e os cantores de funk, os MCs, né? Eles pegam a vivência deles que envolve diversas questões de violência, racismo mesmo, as mulheres falam de machismo, violência contra mulher, e colocam ali na letra, então tem com certeza a relação, porque elas colocam ali na letra, mostram pra gente de uma maneira bem mais explícita assim, e isso chega em forma de reflexão pras pessoas que escutam.

12. Como você percebe a presença de outras influências culturais no rap e no funk que você consome?

Cara, eu acho que é quando os rappers ou os MCs, na letra deles, usam referências de pessoas que fizeram parte da história, não necessariamente da música, né? A moda também menciona nomes que foram influentes em outras áreas sem ser a música, né? Então, sei lá, tipo, o próprio BK, o nome dele é o nome de um atleta. E ele faz essa referência em músicas, por exemplo, a Tasha Tracy, que mencionam outros rappers, mas também mencionam pessoas da história, da história da humanidade, né? Nas suas letras, então, com certeza. Principalmente nesses artistas eu percebo que eles pegam essas referências, assim, de outros aspectos. Da humanidade, sem ser a música, para colocar na sua letra e trazer o que eles querem trazer.

13. O que você acha que poderia melhorar no cenário atual do rap e/ou funk?

Eu acho que o que poderia melhorar sem sombra de dúvidas é no geral todo mundo entendeu o que o rap e o funk significa porque às vezes parece que qualquer um pode fazer um rap e não é pra mim não é muito assim sabe é tanto que eu sou muito seletiva não escuto muitos cantores de rap justamente porque eu acho que tem uma coisa muito específico assim é mais assim outra coisa que é muito importante é mulher né mulher no rap mulher em destaque no rap no funk com certeza uma coisa que tem que melhorar muito já tem algumas mas eu acho que tem que ter muito muito mais muito mais mulher trazendo a realidade muito mais mulher contando pra vivência para a gente se sentir representada e também eu acho que o entendimento melhor da origem do rap do funk pra ele ser de fato cantado é por pessoas que entendam isso sabe e não.

Ester- 24 anos- Duque de Caxias

1. Quando e como você começou a ouvir rap e/ou funk?

Comecei a escutar Funk aos 12 anos de idade. Rap já fui introduzida mais tarde aos 18,19 anos.

2. O que te atrai nesses estilos musicais?

O beat e a manifestação do corpo que surge a partir da música.

3. Você sente que o rap e/ou funk reflete a sua realidade ou a de quem está ao seu redor?

Hoje em dia sinto que o rap reflete muito mais do que o funk.No início dos anos 2000, sim, o funk era pura manifestação de resistência social, mas com o tempo foi se transformando em uma hipersexualização dos corpos, que apesar de ser muito divertido e eu adorar, tenho meus questionamentos. Muitos funks produzidos por mulheres hoje já resgatam esse empoderamento e posicionamento do corpo

feminino na cena urbana. Para mim, o Rap já traz essa constante reflexão das relações sociais e sobre o corpo cotidiano.

4. Há algum artista ou música de rap ou funk que te marcou especialmente? Por quê?

Me tornei fã do Emicida depois de assistir o filme Amarelo e assistir alguns programas de Conversa com ele, sendo o álbum Amarelo um dos que eu mais escutei durante o ano.

5. Como você consome rap e funk atualmente (shows, streaming, eventos)?

Escutando Streaming (spotify), Eventos de Rodas de rima na rua ou através de amigos.

6. Você participa de alguma comunidade ou grupo relacionado a rap ou funk? Se sim, qual a importância disso para você?

Não.

7. Na sua opinião, quais são as principais diferenças e semelhanças entre o rap e o funk?

Entre as semelhanças: os territórios onde são produzidos, sendo expressões periféricas de manifestações potentes.

Diferenças: O rap é muito além de um estilo musical, ele se insere na cultura Hip-hop que se manifesta em muitos eixos e se encontra muito mais numa cultura underground marginalizada. Enquanto o Funk se tornou, após os anos 2000 um estilo de entretenimento, hipersexualizado e possui uma apelação mais comercial e de ostentação.

8. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

A gente enquanto carioca escuta o funk no dia a dia ao caminhar pelas ruas e nos bailes funks de fim de semana. É um ritmo que movimenta a pulsação do cotidiano na cidade. Influenciou-se na construção da minha vida e sexualidade enquanto corpo-mulher e na construção do empoderamento da minha sexualidade. Já o Rap

influenciou nos meus questionamentos de conscientização e classe e territorialidades.

9. Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

Sim. No Rio de Janeiro, a Baixada Fluminense é movida por essas expressões.

10. é importante para você que as pessoas com que você se relaciona (amigos, parceiros, família) também escutem ou gostem desses estilos?

Na verdade, não tanto. Conheço muita gente que não curte esses estilos mas curte outros estilos de outras relevâncias sociais, tão importantes quanto... Acho que, desde que todxs reconheçam a (re)existência e importância social de tal, não precisam escutar como um gosto musical.

11. Como você enxerga a relação entre esses estilos e as questões sociais?

São expressões que surgem a partir da marginalização, com uma ampla e complexa construção histórico-social. São expressões pretas, periféricas que carregam as ancestralidades do quilombo para a contemporaneidade. Refletem a luta de classes em nosso território hoje e o empoderamento das vozes silenciadas e consideradas “marginais” aos olhos da elite conservadora.

12. Como você percebe a presença de outras influências culturais no rap e no funk que você consome?

Hoje eu consumo o rap e o funk por estar mais inserida na cultura HiP- hop que e, como expressei antes, é uma cultura ampla com que se expande em alguns eixos de expressão Social. E percebo que a cultura hip hop tá muito presente na construção histórica no rap e no funk e em suas danças (ex: passinho, breaking dance). Assim como vejo similaridades nos trajetos da construção da música brasileira, como por exemplo samba, que também foi influenciado e influenciou o Rap e o funk carioca.

13. O que você acha que poderia melhorar no cenário atual do rap e/ou funk?

Não me sinto tão integrada à cultura em todas as suas dimensões para enxergar o que falta ou quais as necessidades do cenário.

14. Quais são os outros estilos musicais que você consome ?

MPB, Hip hop, R&B, Jazz, house.

15. Me fala seu bairro e cidade por favor

Sou moradora de Duque de Caxias, cresci no centro, nunca frequentei as favelas de dentro. Por aqui sei que acontece várias rodas de rima na rua, em praças públicas, movimentadas por uma galera foda da cena urbana periférica.

No entanto, como tive meu processo educacional e de amadurecimento muito focado no eixo centro-zona sul, sinto que perdi muito desta potência cultural de meu território de origem. Hoje, já que reconheço isso, tento me conectar mais com a galera fazedora de cultura aqui do território.

Camila - 28 anos - Ilha do Governador, Rio de Janeiro

1. Quando e como você começou a ouvir rap e/ou funk?

O funk eu lembro de ouvir de pequena nas festas, mas eu começar a consumir mesmo foi por volta de uns 11 anos, e o rap também

2. O que te atrai nesses estilos musicais?

no funk, o ritmo principalmente, essa coisa que te impede de ficar parado, a sensualidade, no rap, gosto mais das mensagens, de por pra fora a raiva que eu sinto do que eu não consigo mudar. É um ritmo que eu costumo escutar quando preciso enfrentar algo, é como um canto de combate rs

4. Há algum artista ou música de rap ou funk que te marcou especialmente?

Por quê?Inúmeros. No funk, os bondes da furacão 2000 (gaiola das popozudas, juliana e as fogosas), Mc Katia e Mc Nem, Mc Carol, Tati Quebra Barraco. No rap brasileiro, apesar de escutar muitos artistas, nunca esqueço a primeira vez que ouvi

Realidade Cruel. O peso das mensagens deles, o instrumental, a voz transmitindo o sentimento de revolta me marcaram muito. Já no internacional, Tupac Shakur.

5. Como você consome rap e funk atualmente (shows, streaming, eventos)?

O funk nos bailes, hoje em dia menos, mas eu ia bastante. O rap mais nas plataformas, não curto mt show de rap

6. Você participa de alguma comunidade ou grupo relacionado a rap ou funk? Se sim, qual a importância disso para você?

Atualmente, o baile todo, que é um bloco de funk aqui no Rio de Janeiro. A princípio, era só para experimentar estar produzindo o carnaval, mas reviver a Camila de 13 anos que dançava funk no quintal das amigas criou esse espaço de afeto

7. Na sua opinião, quais são as principais diferenças e semelhanças entre o rap e o funk?

São ritmos periféricos que falam principalmente sobre a vivência nas comunidades, de gente preta, que se comunicam com as massas, mas por falarem do que é tabu ou do que não se quer discutir são marginalizados também. Como diferenças, eu vejo o funk com uma pegada mais sensual também, muito ligado com o ato de dançar.

8. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

O funk costuma me dar energia, para malhar, para me animar. O rap já me leva pra um estado mais introspectivo, mais sério.

9. Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

onde eu moro não, porque eu vivo num ambiente de classe média, mas eu trabalho numa comunidade aqui no Rj, onde o funk é o dia-a-dia das pessoas

10. é importante para você que as pessoas com que você se relaciona (amigos, parceiros, família) também escutem ou gostem desses estilos?

não, pra mim não faz diferença

11. Como você enxerga a relação entre esses estilos e as questões sociais?

Até falei sobre isso numa resposta anterior, são gêneros que denunciam os vazios do estado nas favelas, a violência na periferia, os sonhos de quem não nasceu em berço de ouro. Acredito que esse gêneros não existiriam se não fossem as desigualdades sociais porque crescem a partir desse viés

13. O que você acha que poderia melhorar no cenário atual do rap e/ou funk?

a visibilidade pra cenas menores, e mais bailes fora do cenário de violência intensa que a gente vive no rj

14. Quais são os outros estilos musicais que você consome ?

escuto muito samba e R&B também

15. Me fala seu bairro e cidade por favor

Rio de Janeiro, Ilha do Governador

Yuna - 22 anos - Grajaú, Rio de Janeiro

1. Quando e como você começou a ouvir rap e/ou funk?

Eu não sei exatamente, pois sempre estive em contato com esses estilos musicais, mas acho que comecei a ouvir bem mais a partir dos 10 e 11 anos.

2. O que te atrai nesses estilos musicais?

Depende, mas normalmente gosto muito do ritmo, dos samples e mix. Gosto muito da lírica, principalmente no rap, que em muitos casos se assemelha e pode ser usado como reza (na minha opinião). Provoca sentimentos bons ou me ajudar a abstrair questões, refletir outras e me motivar e incentivar pro dia a dia.

3. Você sente que o rap e/ou funk reflete a sua realidade ou a de quem está ao seu redor?

Sim, avalio que o rap e o funk refletem muitas realidades de quem está ao meu redor.

4. Há algum artista ou música de rap ou funk que te marcou especialmente? Por quê?

Sim, normalmente quando me lembra de um momento da minha vida em que eu ouvi muito a música ou artista. Quando acho o sample e a lírica muito boas ou que conversa com algo que estou vivendo, quando me motiva ou me inspira, quando me desestressa e me deixa mais leve.

5. Como você consome rap e funk atualmente (shows, streaming, eventos)?

Principalmente por streaming, mas quando tenho tempo e disposição, vou a shows e eventos.

6. Você participa de alguma comunidade ou grupo relacionado a rap ou funk? Se sim, qual a importância disso para você

Não.

7. Na sua opinião, quais são as principais diferenças e semelhanças entre o rap e o funk?

Os dois vem de uma cultura periférica e negra, então refletem muito a realidade das pessoas que ocupam e são desse recorte da população. São duas linguagens muito relacionadas a expressões de afirmações políticas e críticas sociais, normalmente associadas a movimentos sociais. Também acredito ser dois gêneros musicais que falam sobre ostentação, tanto quanto financeira quanto de estilo de vida. É comum também retratarem ensinamentos e fundamentos da vida. Enxergo como diferenças o mais óbvio, que são dois gêneros musicais diferentes, cada um com sua história de origem e desenvolvimento, os ritmos do funk costumam ser bem característicos, o que facilita a diferenciação.

Acredito que o rap é muito relacionado a um flow que não é tão visto no funk, trabalha muito com sample num ritmo que dê valorização à lírica, coisa que eu não vejo tanto no funk, e sim uma valorização do ritmo mais focado na dança. Também

acho que o funk é criado atualmente para hitar, criar uma tendência, ser ouvido e consumido de forma rápida, já o rap tende a fugir um pouco dessa lógica (pelo menos os que eu consumo) Também acho que o funk tem a tendência de ser mais pra gastar a onda, está mais relacionado a ambientes de baile e festa do que o rap.

8. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

De muitas formas e em diversos contextos. Mas acho que o mais me influencia no dia a dia é por servir muito de inspiração e motivação ou como forma de desestressar.

9. Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

Consigo!

10. é importante para você que as pessoas com que você se relaciona (amigos, parceiros, família) também escutem e gostem desses estilos?

É importante, mas não necessário!

11. Como você enxerga a relação entre esses estilos e as questões sociais?

Há uma relação direta! ou como forma de reconhecimento e representatividade de pessoas que estão em vulnerabilidade social ou como uma ferramenta de expressão de reafirmações de resistência, expressão de críticas frente à desigualdades e expressão de angústias consequentes de questões sociais disfuncionais. Também acredito que esses estilos musicais trabalham muito na valorização da cultura negra e periférica e o empoderamento dessa população. Vejo muito as seguintes questões sociais como pauta: racismo, machismo, desigualdade econômica e social, violência policial.

12. Como você percebe a presença de outras influências culturais no rap e no funk que você consome?

Percebo que o rap e o funk acabam se misturando com outros estilos de música. Também percebo que os artistas que ocupam diferentes territórios e isso acaba

refletindo a cultura de cada um, desde uma expressão, um sinal específico, até pessoas e personagens..

13. O que você acha que poderia melhorar no cenário atual do rap e/ou funk?

Me incomoda um pouco como a indústria musical de forma geral está muito voltada a criação de hits para o tiktok do que na criação de músicas, e acho que isso influencia muito o rap e, principalmente, o funk. Acaba que tudo fica muito parecido pois a indústria cria quase uma fórmula para hitar. Acho que isso poderia melhorar. O que eu acho que poderia melhorar e acredito estar no processo é a valorização da cena feminina no rap e funk nacional

14. Quais são os outros estilos musicais que você consome ?

De tudo um pouco, gosto de samba, pagode, vaquejada, pop nacional e internacional, house music, mpb.

15. Me fala seu bairro e cidade por favor

Eu cresci e vivo entre bairros, raramente morei somente num bairro ao mesmo tempo. Cresci entre a área da fazendinha em Badu-Niterói e no bairro do Cosme Velho no Rio de Janeiro. Depois vivi entre Grajaú - Rio de Janeiro e Laranjeiras- Rio de Janeiro e continuo assim até hoje.

Polly- 31 anos- Lapa, Rio de Janeiro

1. Quando e como você começou a ouvir rap e/ou funk?

R: O funk sempre esteve presente na minha casa. Era nos discos, nas fitas, nos aniversários e churrasco, o som da massa estava lá. Não havia celebração sem esse ritmo, assim como um bom samba. O primeiro contato com o rap veio através do próprio funk, onde os MCs lançavam suas letras e o beat vinha com o batidão. Rap do Silva, Rap do Festival, Rap do Salgueiro, ali estavam os raps da minha família. O contato com o rap dentro da cultura e do movimento Hip Hop veio através

do grupo Racionais e outros nomes de São Paulo, muito consumido pelo meu irmão que me influenciou fortemente a curtir também.

2. O que te atrai nesses estilos musicais?

R: O papo reto dentro do funk e do rap, trazendo vivências, mensagens, histórias me faz sentir cada vez mais atraída por esses ritmos. Sem contar que as batidas tornam tudo ainda mais fascinante. Realmente impossível ficar parado.

3. Você sente que o rap e/ou funk reflete a sua realidade ou a de quem está ao seu redor?

R: Totalmente. Eu sou cria de Barra Mansa, interior do Rio de Janeiro e lá, conseguia identificar na minha casa, na minha vizinhança o que era cantado nas músicas de funk e rap. Ao me mudar pro centro do Rio, tudo se tornou ainda mais forte devido a presença das comunidades, berço da cultura funk e grande influência dentro do rap. Com letras baseadas nas vivências de muitos artistas que saíram e ainda se mantêm nas grandes comunidades e periferias, as letras e histórias se cruzam diretamente com a minha.

4. Há algum artista ou música de rap ou funk que te marcou especialmente? Por quê?

R: Em casa nós crescemos consumindo muito de rappers americanos, que inclusive são inspirações pra nossos ídolos aqui no Brasil. Mas sem dúvidas, o grupo Racionais MCs teve e ainda tem grande impacto na minha vida. Como a história das músicas se entrelaçam com histórias de dentro da minha casa e ao meu entorno, identificar esses pontos em comum com a minha vivência faz com que cada música seja recebida de uma forma diferente. Dispersando um mix de sentimento e perspectiva de futuro através de cada mensagem. Eu pude com certeza ter uma visão de mundo melhor pra mim e mudar a minha realidade, através de muita música que os caras cantam ali.

5. Como você consome rap e funk atualmente (shows, streaming, eventos)?

R: Com a criação de várias plataformas de streaming, diariamente eu consumo através do fone de ouvido na rua e outros aparelhos eletrônicos em casa. Hoje

tenho a oportunidade de apreciar muitos artistas de perto devido a minha localização, fazendo com que realize sonhos que, pra quem nasceu no interior do Rio, seriam mais distantes. Consumo muitos shows e participo de muitos eventos voltados à cultura. De roda cultural a baile funk.

6. Você participa de alguma comunidade ou grupo relacionado a rap ou funk? Se sim, qual a importância disso para você?

R: Atualmente tenho a grande honra de ser coreógrafa de um bloco de carnaval com a temática funk. Estar presente e participando ativamente desse projeto é importante pra mim e pro lugar onde meu corpo preto é visto e pré destinado. Resistir nas ruas com duas temáticas tão importantes como o funk e o carnaval e com isso abrir portas para outros corpos pretos se sentirem representados, fortalece a minha luta, que se baseia em uma qualidade de vida e oportunidade melhor pra nós. Garantindo o direito dos nossos corpos livres e se divertindo pelos espaços.

7. Na sua opinião, quais são as principais diferenças e semelhanças entre o rap e o funk?

Pra mim são mais semelhantes que diferentes. O rap e o funk tem seu berço dentro das comunidades e periferias do Brasil, que mesmo com uma influência externa significativa, consegue traduzir cem por cento a realidade de cada lugar do Brasil. Falar sobre guerras que são traçadas diariamente pelo direito de seguir vivo, sobre lutas raciais que seguem sendo motivo de genocídio e condições Sub humanas para corpos pretos, principalmente. Mostrar a possibilidade de um outro mundo, que não seja o crime, ou até mesmo cantar sobre ele, falando sobre a realidade de muitos que o veem como único caminho. Falar abertamente sobre desejos e sexo. A mensagem do rap e do funk seguem alinhadas e ligadas diretamente com a realidade nua e crua vivida em seus espaços de origem.

8. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

Em A vida é Desafio, o grupo Racionais canta o seguinte refrão: “ É isso aí você não pode parar e esperar o tempo ruim vir te abraçar, acreditar que sonhar sempre é preciso, é o que mantém os irmãos vivos.” Muita das vezes o que nos motiva a seguir em frente e correr atrás de uma condição melhor de vida são os sonhos, nem

sempre as oportunidades serão postas a mesa, então temos que correr atrás. O caminho é cansativo, desestimulante, mas se eu sonho e tenho objetivos a alcançar, a forma como enxergo a vida muda. Eu torno o meu dia melhor quando tô com o som no ouvido e a mensagem na cabeça. Quem tem propósito não pode parar e eu aprendi isso com rap. Assim eu sigo a minha vida.

9. Você consegue enxergar influencia do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

Em grande parte. Principalmente nas pessoas, na forma como se vestem, como falam, como se relacionam. Até mesmo o comércio local se adapta à isso. Mas a principal influência é ver a população conquistando mais espaço, principalmente na área central da cidade. Atingindo qualidade de vida e abrindo lugar pra novos sonhos.

10. é importante para você que as pessoas com que você se relaciona (amigos, parceiros, família) também escutem ou gostem desses estilos?

Sim, até porque a minha relação com o funk e o rap teve início dentro de casa. Com isso fui buscando outras influências fora dela. Pode estar acompanhada de pessoas que gosto em shows, rodas de rima, baile funk faz com que eu me sinta muito mais feliz. Isso contribui até mesmo para nossos diálogos e visão de futuro. As ideias se conectam.

11. Como você enxerga a relação entre esses estilos e as questões sociais?

R: Uma vez, quando perguntado sobre qual trabalho social o grupo Racionais fazia, DJ KLJay imediatamente apontou para um disco do grupo - “esse é o trabalho social do Racionais, as ideias que ficam na mente, mudam o futuro de muita gente.” Falar sobre rap e funk é levantar diversas questões sociais, questioná-las e pensar juntos em solução para muitas delas. O rap é consciente e como diz Sabotage, compromisso. Compromisso com a verdade, com os seus e a realidade que vivem.

12. Como você percebe a presença de outras influências culturais no rap e no funk que você consome?

R: As músicas são carregadas de histórias e muitas delas não se escrevem sozinhas. Através do próprio som é possível perceber essas influências, coisas que precisávamos ouvir pra saber que ficaria bom rs. O rap e o funk conversavam com diferentes culturas, se fortalecem de muitas delas e com o avanço da tecnologia e o aumento de acessos é possível fazer uma ligação mais direta. Hoje eu consigo ouvir o repentista do Pará, cantando sobre suas tradições e culturas, ao som de uma batida de rap ou funk. Assim como em outras regiões do Brasil.

13. O que você acha que poderia melhorar no cenário atual do rap e/ou funk?

R: Pra mim o que precisa mudar é a visão da sociedade em relação ao rap e o funk.

O preconceito ainda torna lugares onde acontecem essas manifestações precários, se mantendo com pouquíssimas oportunidades. Centros culturais fechando, eventos adiados ou encerrados. São poucos incentivos à essa cultura, sem falar no respeito e valorização que são quase 0.

14. Quais são os outros estilos musicais que você consome ?

R: Eu amo música e todas as suas manifestações. Gosto de soul, reggae, R&B, acho que para além do rap e do funk, com certeza são estilos que você encontra com frequência na minha playlist.

15. Me fala seu bairro e cidade por favor

R: Lapa, Rio de Janeiro.

Bella- 24 anos - Del Castilho, Rio de Janeiro

1. Quando e como você começou a ouvir rap e/ou funk?

Eu comecei a escutar funk quando era adolescente, quando ia em festa. Era um ritmo que tocava, sempre gostei muito de dançar, então fui criando uma identificação assim. Comecei a escutar mais ativamente porque queria com 16 anos, sei lá.

2. O que te atrai nesses estilos musicais?

Eu estou falando mais do funk porque me identifico mais com ele, sou mais consumidora do funk; O que mais me atrai nesse estilo musical é o ritmo, acho que também as formas como as rimas são colocadas que são sempre surpreendentes. Acho as pessoas muito criativas, penso que na cena do rap também. São ritmos que sempre estão se atualizando e se renovando de alguma forma. Tipo o funk que tem vertentes em São Paulo, BH e outra no Rio. E antigamente era uma parada mais romântica e hoje em dia tem o funk putaria. Então é uma parada que vai se reinventando, o rap também.

3. Você sente que o rap e/ou funk reflete a sua realidade ou a de quem está ao seu redor?

4. Há algum artista ou música de rap ou funk que te marcou especialmente? Por quê?

Não tem nenhum artista que tenha me marcado especialmente

5. Como você consome rap e funk atualmente (shows, streaming, eventos)?

Eu consumo em streaming e eventos. Não costumo ir em shows. Se eu fosse hackear iria colocar, streamings, eventos e shows.

6. Você participa de alguma comunidade ou grupo relacionado a rap ou funk? Se sim, qual a importância disso para você?

Não participo de nenhuma comunidade de rap ou funk.

7. Na sua opinião, quais são as principais diferenças e semelhanças entre o rap e o funk?

Eu acho que os dois gêneros musicais trazem muita renovação e de contarem a realidade, de serem um espelho. Acho que agora seria mais o rap, de ser um espelho para o ambiente. Por exemplo, o rap falando da região que nasceu, do TTK que é a língua que se fala por lá. então eu acho que no rap tem mais esse senso de pertencimento.

8. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

eu acho que o rap e o funk não me influenciam pessoalmente, assim, tão explicitamente, eu não percebo pelo menos,

9. Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

eu entendo que são os gêneros musicais que ditam algumas tendências, ou se não ditam, refletem o que é visto na comunidade. Me vem muito na cabeça uns acessórios do tipo, extensão de cílios e unha postiça enorme, extensão de unha, sabe, essa, sei lá, marquinha de fita, umas paradas assim que são mais vistas em favelas, em comunidades, e eu acho que essa co-influência, assim, tanto é o espelho quanto é o reflexo, sei lá, tipo, tanto as músicas refletem a realidade quanto ditam tendências, eu acho

10. é importante para você que as pessoas com que você se relaciona (amigos, parceiros, família) também escutem e gostem desses estilos?

Pra mim não faz diferença a pessoa escutar ou não as pessoas do meu convívio, mas espero que elas não julguem quem escuta também, tipo se escutar um funk perto do meu pai, ele sabe que eu escuto funk, não tem problema com isso.

11. Como você enxerga a relação entre esses estilos e as questões sociais?

Eu acho que já dei uma respondida nessa pergunta também. Porque esses dois estilos de música refletem, são espelhos das favelas geralmente e não de outros ambientes...Peraí, tô perdendo o raciocínio. Eu acho que eu pessoalmente não conheço no funk, também muito menos no rap porque eu não tenho conhecimento sobre a cena mesmo, mas eu nunca vi uma pessoa próspera, tipo o Ricono, começar a fazer, a cantar esses estilos musicais. Então eu acho que geralmente a relação que tem entre questões sociais e esse gênero é porque são pessoas periféricas, da favela, pobres, pretas, que começam a cantar esse estilo musical e falar sobre a sua realidade, e são gêneros que ditam tendências assim, né? Então acho que é essa relação.

12. Como você percebe a presença de outras influências culturais no rap e no funk que você consome?

Em relação às influências culturais, eu acho que os gêneros musicais no geral têm uma influência muito grande um com o outro. Eu penso que o pop tem muita relação com o funk, por exemplo, MPB com o rap, enfim, eu acho que os gêneros vão se mesclando. Eu acho que em relação a outras influências eu vejo mais influências de outros gêneros, sabe? Eles irem se influenciando, tipo parcerias que são de pessoas de gêneros musicais diferentes que dão certo.

13. O que você acha que poderia melhorar no cenário atual do rap e/ou funk?

Sobre o que poderia melhorar no cenário, não sei dizer não. Acho que poderia ser menos descriminalizado, mas eu acho que hoje em dia já melhorou bastante

14. Quais são os outros estilos musicais que você consome ?

E eu consumo pop e MPB, os outros gêneros. Que eu falei. Acho que são os gêneros que eu mais escuto mesmo, MPB, pop e funk.

15. Me fala seu bairro e cidade por favor

E eu sou de Del Castillo, Rio de Janeiro. Beijjos.

Priscilla- 42 anos- Vila Operária, Nova Iguaçu.

1. Quando e como você começou a ouvir rap e/ou funk?

Comecei a ouvir na infância, sou de São Paulo, então a gente foi muito influenciado pelo rap na minha bolha de criação, meu tio, um tio que trabalhava com racionais MCs. E eu morava perto de um clube chamado Clube da Cidade, Clube da Cidade, ele tem uma história na verdade, ele é na Barra Funda, centro de São Paulo, morava na Barra Funda. E aí o Clube da Cidade era uma balada preta, né, se São Paulo tinha meio que esses lugares designados, assim, lá atrás, em 1995, sobre os roles pretos, né, que você não encontrava gente branca. E o Clube da Cidade era esse lugar que a moda rolava, tinha uns larga-tichas, né, que era um estilo de

dança. E aí naquela que a gente consumia muito, não tinha o funk carioca, era muito rap nacional que a gente só ouvia Racionais, Doctors Mcs, então foi nessa época, na minha adolescência, influenciada também para amigas, além de que meu tio trabalhando era a minha escola, a minha bolha é estudar escola também.

2. O que te atrai nesses estilos musicais?

o que me atrai é a forma que traz a nossa realidade à tona, a forma de questionamento, de embate. Eu gosto muito, eu ouço mais rap do que funk, na verdade eu não consumo hoje nenhum estilo assim. Eu ouço funk pra dançar, não conheço, conheço os MCs da antiga, esse mais pop pop. E rap também, agora tá nessa nova roupagem aí do trap, que é uma mudança do rap. Então, conheço um outro, não sou consumidor assim de todos, eu ouço mais nessa linha dessa nova roupagem e continuo ouvindo racionais. Na verdade, acho que dentro do rap eu ouço e consumo muito Emicida, que traz essa linhagem que eu gosto muito. E continuo sendo rap. Com o Funk, não me vem de mim. Ninguém a cabeça, assim, somente os da antiga, na época de Furacão 2000, que aí Cidinho Doka, Claudinho Buchecha, Tatra, Marcinho, Ludmila, na época que ela era MC Beyoncé, então mais nesse sentido, assim, atual, assim, de cantor de funk atual, seja lançamento atual, não sei, devo dançar uma música ou outra, mas nem sei quem canta, nem coloco Ludmilla e Anitta, porque hoje elas são do pop, então tá nesse estilo

3. Você sente que o rap e/ou funk reflete a sua realidade ou a de quem está ao seu redor?

com certeza né, eu sou classe baixa né, classe C, que eles consideram média, mas não acho média porra nenhuma, então eu sou pobre, pobre na bolha, sou uma mulher preta, que convive com pessoas pretas, que procura ser afrocentrada o máximo possível e que tem uma coisa, eu sou professora né, lido com adolescentes, então dentro dessa realidade do meu mundo, sim, ele reflete muita realidade.

4. Há algum artista ou música de rap ou funk que te marcou especialmente? Por quê?

Então, na minha geração, o artista que marcou foi o Racionais, né? Racionais fizeram história, marcou o mundo. Tem quem não falha de Racionais. E aí, ele marcou pela toda importância dele, por todo o trabalho de conscientização, por falar na cara o que acontecia de verdade, não ter medo da polícia, não ter medo de ninguém. E hoje, quem me marca continua sendo emicida pela abordagem inteligente que ele faz do rap, de trazer uma mensagem também positiva, né? Tipo, não só crítica, mas umas mensagens positivas também. Então, ele continua marcando pela forma que ele lida com o que ele faz e isso. Então, Racionais Mcs e Emicida, pra mim, são fora de cena.

5. Como você consome rap e funk atualmente (shows, streaming, eventos)?

O número 5 eu respondi anteriormente, né? Tipo, atualmente eu só consumo shows de Emicida e ouço racionais, assim, não sou de ir para outros shows. Se tiver um show de trap eu não vou, se tiver um show de rap, com alguns rappers, assim, mesmo que seja da antiga eu não vou. Então o último show que eu consumi, streaming também é a mesma coisa. O que toca são eles. Não ouço funk em casa. Danço funk, mas não ouço funk em casa. Então é o que eu acabo ouvindo. Eventos, é isso mesmo, só vou no Emicida. Inclusive até no último Emicida ele lançou, ele levou alguns outros cantores de rap, então é o que eu ouço.

6. Você participa de alguma comunidade ou grupo relacionado a rap ou funk? Se sim, qual a importância disso para você?

não, não participa de comunidade, ou, grupo nenhum.

7. Na sua opinião, quais são as principais diferenças e semelhanças entre o rap e o funk?

A semelhança entre o número 7. Para mim, a semelhança é a forma de trazer a realidade à tona. São movimentos que cresceram em zonas periféricas e mesmo público, no caso, não tem uma diferença de público nesse sentido. Então, são movimentos que trazem ao mesmo público. E a diferença, eu acho que está mais na batida. O funk, ele tem uma outra influência. Se eu não me engano, ele teve uma influência diferente aí que, não sei da história a fundo, mas que traz essa outra batida mais dançante. E aí, para mim, essa é a única diferença, é que o funk é mais

dançante do que o rap. O rap é uma crítica mais direta de consumo, de dança, né? Pra mim, só essa diferença.

8. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

Acho que ele faz no meu dia a dia, ele faz eu me questionar sobre o lugar que eu tô, o lugar que eu ocupo, a posição que eu tenho, para quem eu falo, que é o meu lugar no mundo, então acho que esse é o que eles fazem no meu dia a dia.

9. Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

Eu já tinha respondido anteriormente também, sim, porque é esse lugar, eu sou uma mulher preta que trabalha com adolescentes, que consome cultura nesse lugar também, então sim, vejo presentes no meu território, na minha comunidade, meus alunos ouvem muito.

10. é importante para você que as pessoas com que você se relaciona (amigos, parceiros, família) também escutem e gostem desses estilos?

Não precisa escutar e gostar dos estilos não, entendeu? Se gostar é um bônus a mais, né? Porque tipo, vai me acompanhar em muita coisa, mas precisa ter um senso crítico sobre. O pessoal ao meu redor tem que ter senso crítico.

11. Como você enxerga a relação entre esses estilos e as questões sociais?

Hoje está melhor, né? Antigamente era preso, tinha show suspenso, tinha todo o movimento em relação a liberdade de expressão, hoje não existe, graças a Deus. Então, ainda continua tendo grande importância para trazer esse embate das questões sociais.

12. Como você percebe a presença de outras influências culturais no rap e no funk que você consome?

acho que hoje teve uma... Isso é mais aberto, né? A gente vê uma mistura de estilos musicais, a gente vê uma abertura legal nisso. Acho que esse é o caminho, acho que não precisa cada um ser quadrado não. Quanto mais trouxe essa mistura, mais tem que acrescentar e quem ganha é o público, né?

Sim, eu gosto dessas influências, acho positiva, acho que quem ganha é o público, eu acho que é importante quanta artista o artista saber os diversos universos, mesmo que não seja a elite do trabalho, mas ele precisa conhecer.

13. O que você acha que poderia melhorar no cenário atual do rap e/ou funk?

O que eu acho que poderíamos melhorar no cenário, eu acho que é uma coisa que esteja viável ao ritmo, tá ligado? Por exemplo, o funk ostentação, por exemplo, é um estilo musical que dá asas à imaginação de um monte de adolescente, tá ligado? Mas aí o funk ostentação, ele tá cantando o que o capitalismo traz, então é uma resposta ao capitalismo. E aí você tá mexendo numa geração, mas você tá falando no estilo musical, de quando o problema tá no funk ostentação, o problema tá no Instagram da vida, o problema tá na forma que o brasileiro consumir redes sociais, então o problema é muito mais embaixo pra eu falar que o problema tem que mexer só no estilo musical. E quando não é essa outra questão, é a questão da violência, que também tá muito mais embaixo e o estilo musical só traz isso como resposta, então eu acho que o buraco tá um pouco mais embaixo do que diretamente o cenário.

14. Quais são os outros estilos musicais que você consome ?

samba primordialmente, mpb, reggae, black music, rnb de forma mais rara, mas primordial é samba, mpb e reggae.

15. Me fala seu bairro e cidade por favor

Vila Peraria, Nova Iguaçu.

luna- 33 anos - Tiuca, Rio de Janeiro

1. Quando e como você começou a ouvir rap e/ou funk?

Comecei desde muito novinha, ouvindo rap com meu pai que sempre se amarrou nessa. Depois, um pouco mais velha, lá pra uns 12 anos comecei a frequentar matinês e nelas, obviamente, tocava funk sempre. Tomei gosto.

2. O que te atrai nesses estilos musicais?

No caso do rap, as letras sempre me pegaram muito. Contam uma realidade preta que se aproxima muito da história do meu pai e, conseqüentemente, da minha e dos meus ancestrais. No caso do funk tem alguns que a letra me atrai, sobretudo os melodys mais antigos, mas o principal motivo é o flow mesmo, a batida que impede que o corpo permaneça inerte.

3. Você sente que o rap e/ou funk reflete a sua realidade ou a de quem está ao seu redor?

Certamente!

4. Há algum artista ou música de rap ou funk que te marcou especialmente? Por quê?

no caso do rap, Racionais, porque é uma realidade muito próxima da que eu sempre ouvi meu pai contar ter vivido, então é algo que me aproxima dele para além de tudo. No caso do funk eu tenho Mr. Catra, Mc Marcinho e Tati Quebra barrado. Catra por seu potencial disruptivo que sempre me encantou, fui criada numa família sem muito pudor, conversamos sobre sexo, amores, comida, formação social e bolsa de valores na mesa de jantar como se fossem assuntos similares e sem qualquer tipo de constrangimento. Catra falava putaria abertamente sem crise, sem troca de palavras. Mc Marcinho porque embalou minha adolescência, cantava sobre amor quando eu tava no auge dos hormônios loucos. Fazia todo sentido. E Tati porque foi a minha primeira musa, uma mulher cantando funk e falando tudo que eu achava normal ser dito, mas que a sociedade não aceitava.

5. Como você consome rap e funk atualmente (shows, streaming, eventos)?

streamings, documentários, show...

6. Você participa de alguma comunidade ou grupo relacionado a rap ou funk? Se sim, qual a importância disso para você?

Sim! Tenho um projeto que mistura funk e carnaval. Hoje esse projeto é minha principal frente de dedicação, é meu bebê, meu orgulho! No cenário do carnaval de rua carioca, que tem origem preta, mas que foi, como quase tudo, usurpado pela

maioria branca, ter um projeto de funk que conseguiu implementar equidade racial e políticas de afirmação e permanência é realmente algo de extrema importância não apenas pra mim, mas pra sociedade como um todo!

7. Na sua opinião, quais são as principais diferenças e semelhanças entre o rap e o funk?

sinceramente, não tem muito não. Acho que apenas alguns bpm's separam o rap do funk.

8. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

Funk e rap me lembram todo dia que é importante levantar a guarda, erguer a cabeça diante da dificuldade e colar com os meus, sempre. Lutar pelos meus e junto com os meus, sempre! E isso rege a minha vida.

9. Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

Com absoluta certeza! Sou carioca e não existe história do RJ sem funk e rap. São ritmos da favela, ritmos da periferia. Não existe sistema capitalista sem a periferia, não existe Rio sem favela e o favelado. Não existe mundo sem o povo preto. Quem fez o rap e o funk foi preto, pobre, favelado, periférico. Não existe história contemporânea sem rap e funk não.

10. é importante para você que as pessoas com que você se relaciona (amigos, parceiros, família) também escutem e gostem desses estilos?

Com certeza! Sobretudo funk. É algo que ocupa grande parte da minha vida pessoal e profissional.

11. Como você enxerga a relação entre esses estilos e as questões sociais?

Música no geral é uma expressão artística que reflete o contexto socioeconômico da sua época. É impossível desassociar qualquer gênero musical ao seu contexto social vigente, seja pela letra, seja pela forma, seja pelo arranjo.

12. Como você percebe a presença de outras influências culturais no rap e no funk que você consome?

Eu entendo que existe uma fluidez nos dias de hoje no que tange a produção musical. Com o advento dos meios de comunicação, a disseminação massiva de informações, as redes sociais e o avanço profundamente acelerado das tecnologias, os gêneros musicais se atravessam uns aos outros, se misturam, se fundem, até porque hoje em dia o cantor sertanejo lá no interior de Goiás tem fácil acesso ao cantor de rap do cidade de São Paulo ou ao cantor de arrocha do Piauí. É um reflexo social mesmo. Traçando um paralelo, hoje, o comportamento das eleições presidenciais nos Estados Unidos afetam diretamente o comportamento das eleições no Brasil. TUDO hoje é atravessado e influenciado por tudo.

13. O que você acha que poderia melhorar no cenário atual do rap e/ou funk?

Visibilidade e reconhecimento! Ainda são gêneros musicais vistos como inferiores, como de baixa qualidade comparado ao que foi socialmente estabelecido como MPB, por exemplo, ou música erudita.

14. Quais são os outros estilos musicais que você consome ?

Sou muito eclética e consumo praticamente tudo, até música gospel, MAS meu grande amor é Pagode. Top 01 da minha vida, antes mesmo de rap e funk.

15. Me fala seu bairro e cidade por favor

15 - Tijuca, Rio de Janeiro - Rj

Gabriel - 22 anos - São Gonçalo

1. Quando e como você começou a ouvir rap e/ou funk?

Comecei a ouvir funk aos 11-12 anos na época das montagens e mixagens, época de DJ Cabide, MC Pocahontas entre outros. Rap eu ouvia de relance apenas e só aos 16 anos comecei a ouvir rap de forma mais recorrente por conta do grupo Start Rap e de um programa de música que eu assistia que me apresentou a música Duas de Cinco, do rapper Criolo.

2. O que te atrai nesses estilos musicais?

No funk a batida e a técnica dos DJs, um primo meu era DJ e eu via ele aprendendo a fazer as coisas e gostava muito.

3. Você sente que o rap e/ou funk reflete a sua realidade ou a de quem está ao seu redor?

O rap reflete bem mais que o funk pela maior parte dos funks serem mais ritmos para festa com foco nas batidas e não nas mensagens, salvo os funks antigos que refletem bem mais a realidade das pessoas da favela.

4. Há algum artista ou música de rap ou funk que te marcou especialmente? Por quê?

Com certeza foi Duas de Cinco do Criolo, é uma música densa, com uma lírica de total crítica ao governo, ao descaso com a população contra a guerra das drogas, desvalorização do povo e da educação. Para um garoto de 13-14 anos ouvir tudo isso incessantemente indo para a escola, foi um divisor de águas logo cedo de como eu enxergaria o mundo, a política e tudo que isso envolve, mudou muito minha forma de enxergar as classes sociais.

5. Como você consome rap e funk atualmente (shows, streaming, eventos)?

Totalmente em streamings, ainda não tive oportunidade de ir nos shows dos artistas que mais sou fã, do restante que eu só ouço esporadicamente tive oportunidade mas não tive vontade de ir por não ser os que eu mais escuto mesmo.

6. Você participa de alguma comunidade ou grupo relacionado a rap ou funk? Se sim, qual a importância disso para você?

Já participei assiduamente da Batalha do Tanque em São Gonçalo, uma batalha de rap muito conhecida no meio. Para mim era muito importante para ter contato com uma cultura que eu cresci admirando, ver na prática a arte sendo mostrada para muitas pessoas e é legal que a prefeitura de São Gonçalo começou a abraçar o evento e dar incentivo, já houveram casos de precisar de tendas para que a batalha acontecesse mesmo na chuva e a prefeitura cedia as tendas, caixas de som, dentre outros equipamentos.

7. Na sua opinião, quais são as principais diferenças e semelhanças entre o rap e o funk?

O intuito, para mim o rap tem o propósito de mostrar como o povo da favela vive, criticar o governo, é o grito dos inocentes. O funk é mais a fuga da realidade, é o ritmo que distancia o povo da realidade que eles estão vivendo, ao invés de focar nos problemas da sociedade o funk faz com que as pessoas curtam e mais nada, tira um pouco da preocupação e foca em apenas se divertir, o Rap é para refletir e o Funk é para fazer justamente o contrário, e cada um tem um momento. Uma semelhança muito importante é a de que os dois ritmos trazem pessoas da favela para as classes de maior poder aquisitivo do Brasil, muitas pessoas mudam a vida de sua família e de favelas graças ao rap e ao funk, trabalhar com arte e entretenimento dá muito retorno e isso é muito positivo para que haja incentivo onde os artistas se importam mas o governo não.

8. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

Totalmente, como eu havia dito, foram estilos musicais que foram cruciais na minha formação e na visão que eu tenho do mundo, com todas as vivências que tive, pessoas que eu vi mudarem de vida por causa do rap e do funk. Até a forma de tratar as pessoas e ter empatia e respeito têm a ver com o que eu vivi escutando nesses ritmos, aprendi, aprendo e ainda aprenderei muito com isso.

9. Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

Sim, desde as crianças aos mais velhos, no linguajar, na vestimenta, nos incentivos que a música traz, influencia bastante, quando você conversa com as pessoas

sobre dá para ver o orgulho que as pessoas têm de fazer parte e se identificar com a cultura.

10. É importante para você que as pessoas com que você se relaciona (amigos, parceiros, família) também escutem e gostem desses estilos?

É importante, ainda mais para as pessoas que são de outra classe social, média pra alta, se essa cultura fosse mais disseminada(Sem preconceito e narrativas errôneas, que acontece muito) isso faria uma grande diferença em como o país enxerga as favelas e tudo que esses estilos musicais falam sobre.

11. Como você enxerga a relação entre esses estilos e as questões sociais?

Totalmente relacionado, rap e funk são atos de resistência, como eu disse acima, é o grito dos inocentes. É a forma que as pessoas conseguiram para externalizar suas críticas, seus pedidos e súplicas para o governo, é um pedido de ajuda e um grito de revolta.

12. Como você percebe a presença de outras influências culturais no rap e no funk que você consome?

Vejo muita influência de culturas regionais, seja num beat que tenha a utilização de um instrumento cultural regional, até a uma vestimenta utilizada em um clipe. Muitos artistas que são de interior conseguem expandir sua cultura regional para âmbito nacional, dando assim visibilidade para sua terra, um rapper que escuto chamado Duzz traz muito do interior de São Paulo para pauta em suas músicas.

13. O que você acha que poderia melhorar no cenário atual do rap e/ou funk?

Que volte a ter mais críticas, desde a ascensão do trap isso acabou se perdendo um pouco, acaba que só artistas do Boombap continuam fazendo críticas às adversidades sociais. O funk para mim está num ótimo caminho, cumpre bem o seu propósito.

14. Quais são os outros estilos musicais que você consome ?

Heavy metal, Rock, Nu metal, Eletrônica, Samba, MPB.

15. Me fala seu bairro e cidade por favor

Rocha, São Gonçalo.

Resposta Profissionais

Jorge - 32 - Pavuna, Rio de Janeiro

1. Como você começou a trabalhar com rap e/ou funk?

Eu fui inserido em uma banda de rap, isso com uns 22/23 anos. Eu escrevia e cantava rap, na verdade eu escrevia primeiro. Uns amigos meus descobriram, a gente rimava antes, fazia freestyle, ai começamos a escrever. Uns amigos viram que eu escrevia bem, e ai a gente decidiu montar uma banda de rap e lançar algumas músicas. Depois que não deu muito certo, queria continuar nessa vertente artistica, eu fui para a discotecagem.

2. Qual é o impacto de cada gênero no público que você observa?

Eu acho que o rap ele traz uma visão mais crítica, porque o rap é um movimento que é composto por alguns pilares né. Então ele tem essa estrutura realmente para trazer uma mudança para além da música. E eu acho que o funk ele dá um sopro de vida, um sopro pra vida da galera que fundamentou esse gênero, que pra mim é a galera periférica.

3. Você percebe mudanças no estilo ou na recepção do rap e do funk ao longo dos anos?

Muita coisa! O rap tem mudado bastante, isso é até um questionamento dentro do segmento, sobre o quanto ele ainda é fiel aos seus pilares e tem sido pensado que isso tenha sido perdido. E o Funk, eu acho que o funk conseguiu se diversificar. Mas eu acho que o funk também tem a sua proposta e a sua essência; A gente tem a história ai do funk melody, enfim , e ele tá conseguindo cada vez mais ser mais plural. Mas eu acho também que o rap a partir das mudanças tem conseguido ser mais diverso e mais acessível também.

4. Como o rap e o funk se conectam com outras expressões culturais na sua experiência?

Eu acho que é a partir de de uma mistura muito necessária, principalmente em conceitos urbanos, expressões urbanas. Eu acho que por serem ritmos urbanos, tem uma facilidade para se conectar com outras expressões urbanas

5. Quais são os maiores desafios para artistas e profissionais no universo do rap e do funk hoje?

Se consolidar e ter uma vida profissional longa. Eu acho que para isso é necessário muita maturidade profissional, mas também pessoal. E alcançar esses dois lugares juntos é muito difícil, principalmente para pessoas emergentes, que vem de uma realidade de escassez. Se consolidar como artista não é fácil e também não é barato, então se torna muito mais difícil para essa galera.

6. Quais estratégias você usa ou observa para manter a autenticidade dos gêneros rap e funk?

Estudar!! Estudar bastante, da para aprender bastante conceitos e entender bastante história do que você tá fazendo e fazer com que a sua prática tenha mais essência.

7. Como a tecnologia e as redes sociais têm impactado o trabalho com o rap e o funk?

Tem conseguido fazer esses dois gêneros chegarem na gente, e tem feito com que quem curte esses gêneros consiga consumir coisas mais diversas dentro desse mundo.

8. Existe algum momento ou projeto marcante na sua trajetória que reflete a força do rap ou do funk como expressão cultural?

As rodas de rap! o “bown” da rodas de rap no rio de Janeiro, até em São Paulo, mas pensando no rio de janeiro, foi o que mudou uma das chaves no rap que fez ele se popularizar de uma forma sinistra. Tanto em quem consome, tanto em quem produz.

9. Como você enxerga o papel do rap e do funk no mercado musical atual, em comparação a outros gêneros?

Eu acho que é uma cultura popular periférica de resistência. São um dos gêneros que dão mais voz, com mais potência à cultura popular. Acho que o samba é muito forte também, mas o samba ele não faz tantos sambistas quanto faz de raps e funkeiros. Eles não consegue alcançar o volume, ele alcança impacto de público, mas de produção profissional de artistas ele não consegue. Mas o Rap e o funk mano, porra, ele faz carlh um prodissional, um artista por segundo parece. E cada vez mais uma galera mais nova.

10. Quais são as principais inspirações musicais ou culturais que você percebe entre os artistas de rap e funk com quem trabalha?

Acho que a galera tem muito...Vou falar mais do rap, onde eu tenho mais domínio. Acho que a galera do Rap, por mais que tenha um movimento perdendo um conceito do movimento, acho que a galera bebe muito da fonte dos artistas que pavimentaram essa estrada. A galera ainda vai muito na fonte, como a Negrali, Racionais, Sabotage, Mv Bil, Camila CDD. A galera ainda bebe muito dessa fonte, de quem correu pra que a gente pudesse andar. Isso é bonito de ver, essa galera é uma referenciada. Um lugar de antiguidade é posto, eu acho isso bonito. Sendo bem pensado, assim, não de uma parada imposta.

11. Quais outros gêneros você consome?

Eu consumo muito pop, mpb. Eu tento consumir de tudo um pouco, buscar ritmos diferentes. Mas eu acho que ainda o que eu mais consumo é rap e funk. Samba, bastante. Pop,, sou bem “poprinho”.

12. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

Me dá um senso mais crítico, e me faz enxergar mais possibilidades. Que é possível alcançar alguns lugares, tanto de patamares profissionais e materiais, mas também de mudanças sociais. Que vale a pena a Vida, que vale a pena viver muito.

13. Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

14. Como você impulsiona os gêneros?

Eu estou estudando cada vez mais eles, pra ter cada vez mais informações de forma sólida e compartilhar de forma responsável e também de forma entusiasmada. Queria que mais pessoas enxergam o que eu to enxergando e ouçam o que eu estou **ouvindo dentro desses lugares. Então eu tenho que compartilhar bastante, apoiar bastante o movimento**

15. me fala seu bairro e cidade por favor

Eu moro em um dos bairros mais maneiros do Rio de Janeiro, e em uma das cidades mais maravilhosas do país. O Rio de Janeiro é um lugar muito desenrolado, e isso pra mim é muito interessante. Ele é sagaz, sábio e sagaz. Eu acho que a sagacidade é um outro patamar da sabedoria. E a pavuna é o suprassumo do Rio de Janeiro. Ela tem isso em sua essência, a galera da pavuna é o puro suco do rio de janeiro, onde a galera gosta muito de gastar a onda, e até o limite de gastar a onda e viver a vida em sua máxima potência.

Ton - 25 anos - Centro, Rio de Janeiro

1. Como você começou a trabalhar com rap e/ou funk?

- Dentro da produção musical, a princípio Gravando e mixando

2. Qual é o impacto de cada gênero no público que você observa?

- A característica que atravessa esses dois generos sem duvida acredito ser a identificação, por isso de serem tão populares. principalmente entre os jovens que é o momento em que você ta buscando identificação, escolhendo seus grupos e etc.

3.Você percebe mudanças no estilo ou na recepção do rap e do funk ao longo dos anos?

- Acho que com a vinda do trap como principal produto a ser produzido dentro do gênero rap, mudaram-se a estética, temas, técnicas e principalmente o público. O rap se tornou mainstream e o público de mainstream que está ali pela música e sua estética dificilmente se preocupa com a mensagem ou o que foram os pilares que construíram o gênero. Para além do auto-tune, hi hat, letras cada vez mais "esvaziadas" de mensagens como vimos antigamente com Racionais, Emicida, Rashid, Kamau, hoje temos uma cena focada em trazer a "vibe". Longe de saudosismo, muitas músicas boas foram e são produzidas, existe conceito, existe uma estética que se utiliza de ferramentas como auto-tune, existe storytelling. O rap como outros gêneros se modificou, ainda existe quem faça o boombap de mensagem que convencionamos a chamar de RAP e quem faça exclusivamente trap um beat mais acelerado, com elementos como o 808 o baixo eletrônico auto-tune nas vozes. O fenômeno do trap é tão marcante que passou a ser considerado apenas uma vertente na produção instrumental da música para um gênero exclusivo fora do RAP, mas ainda continua sendo parte do gênero e da cultura Hip-Hop. Assim, com o esgotamento da mensagem e conceito, o receio é que se torne um gênero cada vez mais focado na vibe e menos na mensagem e identificação que foram os pilares do gênero. Se o rap toca em festas de playboys, quem está se identificando com o rap?

4.Como o rap e o funk se conectam com outras expressões culturais na sua experiência?

- O rap como parte da cultura Hip-Hop se conecta através do grafite, da dança, os DJs os próprios mestres de cerimônia que para além de intérpretes seriam a princípio responsáveis por dar andamento ao evento. Como vemos em batalhas de rima e eventos públicos do gênero. No funk, apesar de mais distante de mim, percebo a conexão com a dança, DJs mixando músicas e criando sets e versões originais da própria e isso dá toda uma riqueza de você escutar uma música

amplamente distribuída em rádios e plataformas de reprodução numa versão com bpm alterado, inclusão de elementos e etc.

5.Quais são os maiores desafios para artistas e profissionais no universo do rap e do funk hoje?

- Acredito ser a originalidade, com o passar do tempo e evolução da tecnologia é possível se produzir música de dentro do próprio quarto, muitas vezes pelo próprio celular. isso deu acesso, que é ótimo e revela artistas que antes teriam que passar por todo um processo de ser aceito por uma gravadora e mostrar valor que justificasse o investimento nele mas também inflou o mercado musical dentro do gênero, as produções focadas em hits para plataformas como tik tok, instagram também ajudam a esvaziar a própria ideia de criação de conceito e originalidade para fazer apenas o comercial. que muitas vezes já está sendo replicado por outros milhares de artistas.

6.Quais estratégias você usa ou observa para manter a autenticidade dos gêneros rap e funk?

- Eu particularmente escuto de tudo, no Rap muitas vezes eu tento escutar todos os lançamentos mesmo os que já dou play sabendo que vai ser ruim. é bom ter embasamento pra desgostar de algo. perceber a mudança e às vezes até usar como referência pro que não replicar. Seguir páginas do gênero ajudam a se manter atualizado sobre lançamentos, ainda mais num ambiente tão constante de lançamentos semanais.

7.Como a tecnologia e as redes sociais têm impactado o trabalho com o rap e o funk?

- Acredito que na disseminação, seja na distribuição da música ou no conhecimento e acesso a equipamentos e técnicas de produção até não ser mais necessário você estar tocando em rádios, programas de TV ou em grandes palcos. hoje você pode ser um artista de uma bolha específica, que se identifica com um grupo fechado e de nicho e ainda sim você terá relevância. saber utilizar suas redes sociais como meio de distribuição e anúncio dos seus conteúdos hoje faz parte fundamental na

carreira artística não só de músicos e cantores, mas de qualquer profissional da arte ou entretenimento.

8. Existe algum momento ou projeto marcante na sua trajetória que reflete a força do rap ou do funk como expressão cultural?

- O primeiro contato de muitos com o gênero foi o Racionais, apesar de escutar quando pequeno. aqui no rio meu primeiro contato que me fez me apegar a cultura e me adentrar ao movimento foi o projeto LIVRAR do MC Marechal, suas musicas. Artistas como Marcelo D2, Gabriel pensador que eram mais disseminados aqui no Rio. Alem do próprio Racionais.

9. Como você enxerga o papel do rap e do funk no mercado musical atual, em comparação a outros gêneros?

- Como são gêneros com produções em sua grande maioria com um bpm acelerado, letras mais explícitas e estética impactante, torna o gênero majoritariamente consumido por jovens. Hoje temos line ups inteiras de festivais ocupadas por músicos dos gêneros, festivais criados por artistas e empresários advindos da própria cena.

10. Quais são as principais inspirações musicais ou culturais que você percebe entre os artistas de rap e funk com quem trabalha?

- Aqui no Brasil muito de Racionais, a cultura negra, muitos beats sampleados por produções antigas da nossa MPB. internacionalmente o Blues, o jazz, o rock desde o concepção instrumental até a interpretação vocal dos artistas.

11. Quais outros gêneros você consome?

- escuto de tudo, mpb, pop, rock acho que seriam esses.

12. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

- Acho que o rap me ajudou a moldar caráter e a ter princípios, crescer escutando o "rap de mensagem" me fez entender muito cedo minha posição enquanto homem

negro da sociedade e como eu teria que ser resiliente e resistente para sobreviver a ela e até prosperar na mesma. Mas principalmente princípios enquanto pessoa.

Respeito, idoneidade, formas de tratamento com o outro. Pra mim que não tive figura paterna, acredito que o Rap tenha assumido esse papel.

13. Você consegue enxergar influência do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

- Enxergava muito, sou o Batan na zoan Oeste do Rio mas hoje em dia moro no Centro e percebo essa influência até aqui, desde festas dos gêneros até bares tocando músicas dos mesmos. Se antigamente se escutava Racionais nas jukeboxes, hoje se escuta Felipe Ret, major rd e anitta nas JBL's.

14. Como você impulsiona os gêneros?

- Hoje em dia eu apenas consumo, faço meu filtro e dissemino na minha bolha.

15. me fala seu bairro e cidade por favor

Centro- RJ, Rio de Janeiro.

Marcus - 28 anos,

1. Como você começou a trabalhar com rap e/ou funk?

Comecei, eh, sempre fui ao 20, né, mas eu comecei a trabalhar oficialmente em 2020, quando eu fui chamado para ser produtor do grupo Faixa de Viásia. É um grupo do Manguinho, conheci um dos membros aqui na universidade, e aí eu comecei a me dedicar ao mercado musical, né? Rap Funk, mas ao mercado musical geral, através do Rap.

2. Qual é o impacto de cada gênero no público que você observa?

No caso Rap ou Funk, né? Então, vamos lá. No caso do Funk, eu acho que a gente tem que pensar, quando a gente fala disso, que os gêneros são gigantes, tanto do Rap quanto do Funk. Então, aí os públicos já são divididos dentro desses gêneros, até pelo estado que é feito também, né? O conteúdo que vai se falar. Quando a gente fala do impacto do Rap, eu trago essa base do fundamento hip-hop, né? Então, é sobre consciência, sobre conscientização de sociedade, esse tipo de coisa. Porém, o trap, por exemplo, que eu considero dentro do Rap, às vezes já tem uma outra levada, né? Já tem uma pegada mais sobre ostentação, sobre crime, que também são perspectivas, né? Eu acho que todas são leituras da sociedade, impactam o público de diferentes formas baseado no estilo, no estilo do gênero que vai estar sendo trabalhado ali. No caso o funk, eu vejo óbvio que tem um funk clássico também, que fala sobre sociedade, mas que a gente mais consome hoje em dia seria por entretenimento, então seria algo relacionado à dança, a felicidade, alegrias, né, o que deixa a galera do público bem animado, então seria dessa forma a resposta.

3. Você percebe mudanças no estilo ou na recepção do rap e do funk ao longo dos anos?

Então é isso que eu estava falando. Realmente os gêneros são grandes porque já foram criados vários estilos dentro deles que têm diversos discursos. E o público se amplia. Eu vejo que o público desse gênero é só se ampliar, tanto aqui no mercado nacional quanto no gringo. A gente já está atingindo bastante gente. Então, eu vejo que há sim uma mudança ao longo dos anos, tanto do público, quando a recepção tanto do que é dito.

4. Como o rap e o funk se conectam com outras expressões culturais na sua experiência?

Eu acho que as artes estão todas interligadas. Então, se a gente pega artes suburbanas, são culturas periféricas. Então, na minha opinião, o funk carioca, principalmente, é um reflexo do que o samba foi desde as perseguições até as ascensões. E considero também que dentro da movimentação, se a gente for pegar o funk, a gente tem diretamente passinho, né? Então já é uma outra expressão da dança que tá conectada. Há pouco tempo eu vi lá no mar uma exposição sobre o

funk. Então já tá alcançando as artes visuais da fotografia. Hoje em dia, através de videoclipes também, tá sendo bastante consumido esse gêneros. Então acredito que há, de fato, essa... mobilização, essa mistura entre estilos artísticos, né? Outro exemplo também, o rap com audiovisual muito forte né, ambos além disso tudo. O maior canal do youtube é do Kondzilla né, que é do funk. Isso mostra como no audiovisual já é bem grande

5. Quais são os maiores desafios para artistas e profissionais no universo do rap e do funk hoje?

Ganhar mercado, grande. Pessoal já tem mercado grande, já está presente, já bem simbólico e significativo. Se for pegar em vários estados, esses gêneros já são muito fortes. Além disso, os maiores artistas mais escutados nas plataformas são desses gêneros. Acho que falta conhecimento, e os artistas periféricos serem os donos das empresas. Acho que é essa a principal dificuldade.

6. Quais estratégias você usa ou observa para manter a autenticidade dos gêneros rap e funk?

Eu como profissional da área, eu tento criar algumas estratégias baseadas na letra dos artistas, né? Que estão sempre bem atualizados com os temas. Eu vejo que a galera que eu trabalho é bem jovem, então eles estão atualizados com os temas da mídia, das atualidades, e aí eu tento trabalhar o marketing em cima disso. Na verdade é mais um trabalho do marketing em cima do que o artista fala. E aí isso está ligado nas tendências, trends, moda, esse tipo de coisa.

7. Como a tecnologia e as redes sociais têm impactado o trabalho com o rap e o funk?

Cara, eu acho que nesse momento fortaleceu muito os gêneros, né? Fez com que fossem os gêneros mais escutados, assim, em alguns estados. E como muitas pessoas do rap do funk são jovens, é atingido um público jovem também, que é o principal utilizador dessas redes sociais. Então eu acredito que, como o pessoal tá bem atualizado, Então eu vejo que como o pessoal tá bastante atualizado. O rap e o funk são a tendência da atualidade do mundo das redes sociais. Então, tipo, influencia muito. Eu sinto que ue o crescimento do Trp, por exemplo, tá diretamente

ligado às redes sociais também. A tecnologia auxilia, né? Se a gente for pegar alguns desses álbuns aí... Tava até comentando hoje que o álbum do Orochi, ele gravou no armário da casa dele. Isso é graças à tecnologia, geralmente não tinha essa possibilidade. Hoje tem gente que grava um monte de porra de telefone, Então, facilita a vida

8. Existe algum momento ou projeto marcante na sua trajetória que reflete a força do rap ou do funk como expressão cultural?

Eu já fiz vários projetos relacionados à semana do Hip Hop, a Revoada do Manguinho, que é um evento gratuito na favela, num pós pandemia, e os eventos lotaram. A gente bateu 1.500 pessoas em uma edição gratuita na favela que, pô, se tornou uma referência de evento, vários artistas que hoje estão gigantes tocaram, então.. Eu considero esse evento a revoada, como uma expressão cultural que marcou a favela

9. Como você enxerga o papel do rap e do funk no mercado musical atual, em comparação a outros gêneros?

Eu vejo que são gêneros presentes, estabelecidos. Não são gêneros novos, pelo menos desde dos anos 70, 80 começando a se desenvolver pelo mundo. Então, não são coisas novas. A gente tem vários ritmos e estilos dentro desses gêneros, o que significa que já há algo estabelecido e forte dentro da sociedade. E eu fico muito feliz que seja dessa forma. Se pegarmos a Billboard, que é uma referência, tem artistas ali com números gigantesco de rap; Está se desenvolvendo cada vez mais, aumentando e aumentando

10. Quais são as principais inspirações musicais ou culturais que você percebe entre os artistas de rap e funk com quem trabalha?

Por eu ser do Rio de Janeiro, às tendências cariocas, como girias, lifestyle praiano, e por conta da popularização das favelas no Rio de Janeiro, um lifestyle de favela como uma tendência muito forte, periférico, preto. Eu vejo que essas são as tendências c

Nyl- 33- Penha, Rio de Janeiro

1. Quando e como você começou a ouvir rap e/ou funk?

O funk veio primeiro... Era o que tocava na rua na minha infância, nos anos 90. Claudinho e Buchecha, MC Sapão e Gabriel O Pensador eram hits nessa época. Só com os meus 16 anos que eu realmente parei pra ouvir Racionais MCs, palavra por palavra, compasso por compasso... E essa experiência transformou a minha vida.

2. O que te atrai nesses estilos musicais?

O fato de que, na grande maioria dos casos, é a voz e o corpo do povo que diariamente está na mira do estado ganhando visibilidade e projeção. Além de estar sempre se atualizando, ditando tendências para a cultura pop e mesclando com culturas e ritmos regionais dos mais diversos países.

3. Você sente que o rap e/ou funk reflete a sua realidade ou a de quem está ao seu redor?

Sim. Não só na realidade material, do tempo presente, mas a realidade que se deseja.

4. Há algum artista ou música de rap ou funk que te marcou especialmente? Por quê?

Só Deus Pode me Julgar do MV Bill. Era a sensação de ouvir um hino do povo, que não era o hino da nação.

5. Como você consome rap e funk atualmente (shows, streaming, eventos)?

Eventos, shows e streaming diariamente.

6. Você participa de alguma comunidade ou grupo relacionado a rap ou funk? Se sim, qual a importância disso para você?

Além de ser MC, faço parte do Coletivo Resistência Cultural, que há 7 anos vem desenvolvendo a plataforma de cultura Leopoldina Hip Hop, contribuindo com a cena underground através de eventos, produção de conteúdo e formação.

7. Na sua opinião, quais são as principais diferenças e semelhanças entre o rap e o funk?

Todo país, principalmente os colocados como os de Terceiro Mundo, tem um ritmo que bebe da fonte da música rap e da cultura hip hop. O funk seria um desses gêneros aqui no BR, assim como o kuduro na Angola, amapiano na África do Sul... Acho que a principal diferença é que o funk trouxe mais ousadia e deboche para

uma grande audiência antes do rap aqui, apesar de termos Gabriel O Pensador nos anos 90 com rimas mais satíricas. O rap, por muito tempo, era um ritmo mais sério, mais crítico. Muito da identidade do trap brasileiro hoje vem do que o funk construiu e constrói.

8. Como o rap e/ou funk influencia seu modo de pensar ou agir no dia a dia?

O Rap foi o caminho para conhecer a Cultura Hip Hop, que é um modo / filosofia de vida que me até hoje me traz régua e compasso. Estar conectado com a rua e com o que acontece nas favelas e periferias, busca por uma evolução pessoal, para uma evolução coletiva e consequentemente material

9. Você consegue enxergar influencia do rap/ e ou funk no seu território/comunidade?

Bastante. Irajá foi um dos bairros com mais equipes de som nos anos 70, época dos bailes soul, e tem uma das maiores galeras de funk da antiga, que é o miami bass dos anos 90. Quando comecei haviam os grupos de rap Contenção, OBando e B32, que chegaram a criar uma espécie de coletivo chamado IraQ. Hoje temos uma cria do bairro que veio do slam, passou pelo rap e está como protagonista da novela das 8, que é a Gabz. Ikinya fez hit com Larinhx e Ebony citando o nome do bairro, Bala Rosa representando na cena do drill, Trezy na cena do freestyle e esse aqui que vos fala aprontando por aí (risos)

10. é importante para você que as pessoas com que você se relaciona (amigos, parceiros, família) também escutem ou gostem desses estilos?

Não precisa gostar, mas reconhecendo a história e o impacto que gera para a juventude preta, já está de boa. Se curtir, maneiro, pois teremos mais algum assunto em comum.

11. Como você enxerga a relação entre esses estilos e as questões sociais?

Em muitos casos, é a forma das pessoas que são colocadas à margem dos padrões da sociedade, terem voz, visibilidade, protagonismo, pertencimento e até algum acalanto. É uma forma de denúncia, mas também de propor uma outra forma de convivência em sociedade ou simplesmente escapar por alguns momentos da realidade dura e ter algum lazer, tirar uma onda, sorrir... E tudo isso ao mesmo tempo também.

12. Como você percebe a presença de outras influências culturais no rap e no funk que você consome?

Acho que esse é o tempero mais rico, principalmente para um país multicultural como o Brasil, onde cada estado e região tem um sotaque diferente, ritmos regionais próprios... Tudo isso só potencializa o nosso rap.

13. O que você acha que poderia melhorar no cenário atual do rap e/ou funk?

Uma cena underground mais consistente, onde circule mais dinheiro e tenha mais espaço para artistas que não estão no mainstream. Há uma concentração muito grande de palcos e os nomes que circulam nesses palcos e pouquíssimo fomento a novos espaços para artistas desse porte. Porém, é um problema estruturante do modo de produção da sociedade e o mercado da música é apenas um reflexo.

14. Quais são os outros estilos musicais que você consome ?

Samba, Afrobeat, Dancehall, Jazz, New Metal, Hardcore...

15. Me fala seu bairro e cidade por favor

Sou cria de Irajá, atualmente morador na Penha - Rio de Janeiro

